

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

ALICE SOARES

***O ANO EM QUE PIGAFETTA COMPLETOU A CIRCUM-NAVEGAÇÃO: UMA
(RE)CONEXÃO COM O TERRITÓRIO***

Porto Alegre
2020

ALICE SOARES

***O ANO EM QUE PIGAFETTA COMPLETOU A CIRCUM-NAVEGAÇÃO: UMA
(RE)CONEXÃO COM O TERRITÓRIO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Porto Alegre

2020

ALICE SOARES

***O ANO EM QUE PIGAFETTA COMPLETOU A CIRCUM-NAVEGAÇÃO: UMA
(RE)CONEXÃO COM O TERRITÓRIO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Aprovado em: _____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (Orientadora)
Instituto de Letras – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Cristina Mielczarski dos Santos (UFRGS)

Prof. Ms. Marcos Lampert Varnieri (UFRGS)

Aos timorenses e a todos os povos originários.

AGRADECIMENTOS

À minha família (Antepassados, Pai, Mãe, Padrasto, Madrasta, Irmãos, Cunhades, Sobrinhos), por suportarem minhas contações, por mais de dez anos, sobre os prazeres e as dores da graduação em Letras. Em especial, ao meu irmão Alexandre e à minha cunhada Kéllen, pelo suporte e acolhimento de sempre.

À minha “filha”, Hanane, que nos últimos quatro anos divide a casa e a vida comigo, numa parceria que muito me alegra e engrandece.

A todos os professores que tive contato na UFRGS e que de alguma forma contribuíram para meus estudos e para minha vida.

A todos os colegas e amigos, por serem também mestres na minha vida. Em especial, à Yana (parceira de ingresso nas Letras), por me “levar pela mão” nos meus primeiros quatro anos de universidade, à Dina (parceira no estágio II e no Conexão Português – CIBAI) e à Andreia (parceira de várias “disciplinas” dentro e fora da UFRGS) pelo imenso apoio e deliciosa partilha.

À minha maravilhosa orientadora, pela paciência e total dedicação em compartilhar seus aprendizados com humildade e sabedoria, conduzindo a movimentos constantes, em direções diversas, e possibilitando-me experienciar múltiplos lugares e olhares, muito além dos muros da universidade.

À banca examinadora, por aceitarem o convite para avaliarem o meu trabalho.

A todos os colegas e amigos do grupo de pesquisa, *Letras e Vozes Anticoloniais*, pelos espetaculares momentos de estudos, de diversão, de expansão da consciência e de especial resistência. Em especial, à Suelen, pelo gigante suporte na finalização desse trabalho.

Ao *lieb* Felix, por me acompanhar e animar na conclusão do TCC.

“Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul;
aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul”.
Boaventura de Sousa Santos

RESUMO

O livro *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, do escritor timorense Luís Cardoso, é foco deste estudo, que tem como objetivo uma análise a partir da perspectiva dos estudos decoloniais, que partem das línguas e das categorias de pensamento não incluídas nos fundamentos dos pensamentos ocidentais (MIGNOLO, 2008). A obra reflete as memórias de um autor em diáspora que, através da escrita, reconecta-se com seu território e apresenta sua visão sobre a história do Timor-Leste, discorrendo sobre os conflitos herdados da colonização e as violências vividas no período da invasão indonésia. A oralidade e a voz narrativa de um par de sandálias são características marcantes que destacam formas de ser e pensar de culturas silenciadas e desvalorizadas pela lógica eurocêntrica. Assim, a obra oferece ao leitor uma ampliação de horizontes a partir do caminhar das personagens, de seus processos de consciência e da sua resistência, num diálogo entre as suas “circum-navegações” e o giro decolonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007). A recuperação de visões de mundo, que renovam a alma e restauram o desejo de resistir à dominação (HOOKS, 2019), conduzem à independência do país, que é a cena final do livro e que aponta para o futuro – um recomeço.

Palavras-chave: Timor-Leste. Luís Cardoso. Decolonial. Resistência. Circum-navegação.

ABSTRACT

The book *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (The year Pigafetta completed the circumnavigation) by the timorese writer Luís Cardoso is the focus hereof of this study. The aim is to analyze it from the perspective of decolonial studies that got underway from languages and categories of thoughts that are not included in the foundations of western thoughts (MIGNOLO, 2008). The novel reflects the memories of an author in diaspora who, through writing, reconnects with his territory and presents his vision of East-Timor history, running thus the conflicts inherited from colonization and the violence experienced during the period of the Indonesian invasion. The orality and the narrative voice of a pair of sandals are the striking characteristics that highlight the ways of being and thinking of cultures that are silenced and devalued by eurocentric logic. Hence, the novel offers the reader a broadening of horizons based on the characters' walk, their processes of consciousness, and their resistance, in a dialogue between their "circumnavigations" and the decolonial turn (CASTRO-GÓMEZ e GROSGUÉL, 2007). The retrieval of worldviews which renew the soul and restore the desire to resist domination (HOOKS, 2019), lead to the country's independence, which is the final scene of the book that points to the future - a new beginning.

Keywords: East-Timor. Luís Cardoso. Decolonial. Resistance. Circumnavigation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	TIMOR-LESTE – QUE LUGAR É ESSE?	12
2.1	TIMOR COLÔNIA DE PORTUGAL – UMA HISTÓRIA DE INVASÕES E EXPLORAÇÃO.....	13
2.2	TIMOR EX-COLÔNIA DE PORTUGAL – UMA HISTÓRIA DE OCUPAÇÃO E DESTRUIÇÃO.....	14
2.2.1	Uma nova e grande história de resistência para além da colonização	15
2.3	AS HISTÓRIAS ANTES DE OUTRAS HISTÓRIAS	16
2.3.1	O Crocodilo e o Menino – Uma história ancestral	16
2.3.2	Uma Lulik – A Casa de Rituais Sagrados	18
2.4	UM TERRITÓRIO DE DIVERSIDADES – ORALIDADE E ESCRITA EM CONFLUÊNCIAS	20
3	LUÍS CARDOSO: UM CONTADOR DE HISTÓRIAS OU UM ESCRITOR DE VIVÊNCIAS	22
4	MEMÓRIAS SOBRE UM POVO DE UMA TERRA ENCANTADORA E DISTANTE – OUTROS ESTUDOS SOBRE LITERATURA TIMORENSE	25
5	ESTUDOS DECOLONIAIS – OUTRAS PERSPECTIVAS SOBRE MODERNIDADE E COLONIALIDADE	28
6	UM GIRO DECOLONIAL ATRAVÉS DA OBRA O ANO EM QUE PIGAFETTA COMPLETOU A CIRCUM-NAVEGAÇÃO	30
6.1	MUNDOS E OLHARES RELACIONAIS	31
6.2	A RESISTÊNCIA À COLONIALIDADE DO “CORPO-TERRITÓRIO” DAS MULHERES.....	35
6.3	“CIRCUM-NAVEGAÇÕES” – PERCURSOS DE CAROLINA E PIGAFETTA	42
6.4	ACORDARES EM SONHOS: O FINAL OU UM RECOMEÇO	53
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem origem no meu encantamento pelos estudos desenvolvidos nas aulas de Literatura Portuguesa, Literatura, Colonialismo e Pós-Colonialismo e Literatura Oral Tradicional. Além disso, a escolha por uma literatura oriental é resultado de meus estudos fora da universidade, sobre Yoga e Budismo, filosofias que tanto me inspiram na busca pelo autoconhecimento.

A descoberta do escritor Luís Cardoso e do seu território mágico, o Timor-Leste, aconteceu através do grupo de pesquisa *Letras e Vozes Anticoloniais*, coordenado pela professora Ana Tettamanzy, no qual tive a alegria de ingressar em 2018, com uma bolsa de pesquisa. Foi nos encontros semanais desse “coletivo de sonhadores” que conheci os teóricos decoloniais, base para essa pesquisa. Todos os três anos em que estive como bolsista foram intensamente desafiadores, tanto dentro quanto fora da Universidade, lidando com a insegurança de fazer uma apresentação oral no Salão de Iniciação Científica da UFRGS e com o enorme medo de falar sobre uma perspectiva não ocidental, dentro de uma instituição fundamentada em conceitos eurocêntricos de saber. Por outro lado, o acolhimento e apoio do grupo, somados ao prazer das minhas descobertas com a leitura da obra em estudo, foram mais poderosos e me possibilitaram chegar até aqui.

A análise do livro *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013) de Luís Cardoso a partir dos estudos decoloniais foi outro interessante desafio enfrentado ao longo desse caminho, pois são teorias desenvolvidas a partir de um contexto de culturas latino-americanas, pouco conhecidas pela crítica acadêmica brasileira quando comparadas com os estudos pós-coloniais, por exemplo. No entanto, a partir da proposta de estudos sobre colonialidade, específicos para epistemologias do sul¹, essas teorias expandem-se para além das fronteiras americanas e englobam diversas culturas descendentes de seres e saberes violentados e silenciados pelo processo de colonização. Nesse sentido, pretendo com este estudo mostrar como o livro estudado convida o leitor para movimentos não lineares, que levam a uma leitura invertida, de cabeça para baixo, e propiciam uma abertura da percepção e da visão para um mundo onde opostos não se excluem, pois são complementares.

¹ Esse conceito será explicado no capítulo 5

Desse lugar deslocado, ao contrário, apresentarei os capítulos que seguem, iniciando pelo último, onde desenvolvo algumas das minhas observações, sensações, incorporações da obra, a partir de alguns conceitos decoloniais, passando para um olhar sobre a resistência à colonialidade do “corpo-território” das mulheres e sobre as “circum-navegações” das personagens Carolina e Pigafetta. E, por fim, é exposto um pensar sobre o último capítulo do livro – Mitos – com questões sobre fim e recomeço, retornos e futuro, estrelas e sonhos. A partir dessa perspectiva decolonial e subversiva apresento meu trabalho acadêmico de uma forma mais conectada com a minha essência, me permitindo criar ilustrações próprias e também fazer longas citações do livro estudado para reforçar as palavras do autor, seu discurso original, que são extremamente significativos, dando a sensação, ao mesmo tempo, de peso e leveza, concretude e magia.

Nos capítulos 5 e 4 são apresentados, respectivamente, os estudos decoloniais (teóricos e conceitos gerais) e algumas – outras – pesquisas sobre o autor e suas obras (a partir de teorias pós-coloniais). O autor e seu território, o Timor-Leste, são temas dos capítulos 2 e 3.

Entrar em contato, através do texto e de imagens, com a beleza natural do Timor-Leste, com a sabedoria ancestral de um povo que resistiu bravamente a mais de quinhentos anos de colonização, e outros vinte e quatro anos de uma violenta ocupação, foi imensamente transformador para mim. Assim, através desse trabalho de conclusão, desejo compartilhar um pouco desses meus aprendizados.

2 TIMOR-LESTE – QUE LUGAR É ESSE?²

A República Democrática de Timor-Leste é um pequeno país do continente asiático, que faz fronteira, a oeste, com Timor Ocidental (província da Indonésia, a partir da divisão política da Ilha de Timor). Um lugar encantador que é banhado pelo Mar de Timor, ao sul, pelo Mar de Savu, a noroeste, e pelo Estreito de Wetar, ao norte. Timor é um termo derivado da palavra indonésia e malaia *timur*, que significa leste. Também *Lorosa'e*, como é chamado em tétum, significa leste. Um lugar realmente de sol nascente!

Vejam algumas informações oficiais, segundo o *website* do Governo do Timor-Leste (2020), sobre *Lorosa'e*:

Figura 1: Dados oficiais

Área	15.007 Km ²
População	1,066,582 (Censos 2010)
Capital	Dili
Línguas oficiais	Português e Tétum. Para além destas existem no território cerca de 15 línguas nativas
Línguas de trabalho	Inglês e Bahasa Indonésio
Declaração da Independência	28 de Novembro de 1975
Restauração da Independência	20 de Maio de 2002
Data da promulgação da constituição	22 de Março de 2002, em vigor desde 20 de Maio de 2002
Sistema de Governo	República parlamentarista
Composição étnica	Maioria da população de origem malaio-polinésia e papua; minorias de chineses, árabes e europeus
Religião	Cerca de 90% Católicos. Comunidades minoritárias de protestantes e muçulmanos
Clima	Quente e húmido, ameno nas montanhas e extremamente chuvoso
Localização	É a menor e a mais oriental das ilhas do arquipélago malaio. Situa-se a cerca de 550 km ao Norte da Austrália. De Timor Leste fazem parte também o enclave costeiro de Oecussi-Ambeno situado no Timor Ocidental, e as ilhas de Ataúro e Jaco. É o único país independente na Ásia de língua oficial portuguesa
Aspectos físicos	Solo constituído por rochas antigas. Terreno caracteriza-se por montanhas escarpadas no interior. A vegetação caracteriza-se pela abundância de árvores de teca, sândalos, coqueiros e eucaliptos
Moeda	Dólar Americano (USD)
Distritos administrativos	É dividido em 13 distritos: Bobonaro, Liquiçá, Dili, Baucau, Manatuto e Lautém na costa norte; Cova-Lima, Ainaro, Manufahi e Viqueque, na costa sul; Ermera e Aileu, situados no interior montanhoso; e Oecussi-Ambeno, enclave no território indonésio.

Fonte: Governo do Timor-Leste (2020)

² As informações desse capítulo do trabalho, até a seção 2.2.1, procedem do site: <http://timor-leste.gov.tl/>. Acesso em: 29 set. 2020.

2.1 TIMOR COLÔNIA DE PORTUGAL – UMA HISTÓRIA DE INVASÕES E EXPLORAÇÃO

No território que foi colônia de Portugal por mais de 300 anos (de 1515 a 1974), até a chegada dos primeiros frades dominicanos portugueses, as religiões tradicionais eram animistas. Como um efeito da catequese, que acompanhava o processo colonizador, atualmente a maioria da população é católica: não bastava conquistar terras e corpos, era preciso colonizar também o espírito. A divisão da Ilha do Timor aconteceu através de um tratado, em 1859, com os holandeses, que entraram pelo oeste do território em 1651 e conquistaram a outra metade da ilha. Com a independência da Indonésia, em 1945, a parte ocidental da ilha passou a fazer parte deste país. Para descentralizar a administração, a metrópole dividiu o território timorense em 15 comandos militares, em 1908. Dez anos depois foram criadas as circunscrições civis e, em 1940, o primeiro concelho – de Díli. Atualmente o país é administrativamente dividido em 13 distritos.

Figura 2: Mapa



Fonte: <https://pt.mapsofworld.com/timor-leste/#>

Conhecer a importância estratégica do território timorense durante a Segunda Guerra Mundial é perceber o quanto possivelmente não interessava aos países invasores perder o controle sobre a ilha. Mas talvez, eventualmente, abrir mão do poder pode ter sido uma boa alternativa de negócio. Conforme o Governo do Timor-Leste (2020) diz, no site do país:

[...] as forças Aliadas (australianos e holandeses), reconhecendo a posição estratégica de Timor, estabeleceram posições no território tendo-se envolvido em duros confrontos com as forças japonesas. Algumas dezenas de milhar de Timorenses deram a vida lutando ao lado dos Aliados. Em 1945, a Administração Portuguesa foi restaurada em Timor-Leste.

Mais uma questão interessante da história do Timor: o governo indonésio afirmou, por quase 30 anos (1945-1974), que não tinha interesse na parte oriental da ilha, porém na primeira oportunidade se apropriou dessas terras com violência. E já Portugal que se recusou a reconhecer o direito à autodeterminação das colônias ainda não independentes, afirmado pela ONU, entre 1962 e 1973, de repente (após Revolução de 25 de Abril de 1974) abandona o país, que sem experiência administrativa de seu território (nos moldes ocidentais), divide-se em conflitos políticos que facilitaram a invasão e ocupação pelo seu vizinho que já ocupava a parte ocidental da ilha.

2.2 TIMOR EX-COLÔNIA DE PORTUGAL – UMA HISTÓRIA DE OCUPAÇÃO E DESTRUIÇÃO

Finalmente, com a independência, em 28 de Novembro de 1975, sustentada pelo apoio político de Portugal (nomeação de um comissário português e eleição de uma Assembleia Popular) foi criado um projeto de transição com previsão de três anos de duração. Era claro, para qualquer observador que visitasse o território, que a maioria dos Timorenses recusava totalmente a integração com a Indonésia, devido às diferenças culturais, principalmente. Então, a Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente – FRETILIN – assume a liderança política e inicia-se a guerra civil. O momento é oportuno para a Indonésia se apropriar de sua 27ª província, com forte apoio do governo americano (que qualificava a Frente Revolucionária como marxista).

Em 1974 - ano que Luís Cardoso consegue uma bolsa de estudos e embarca para Portugal -, surgem no Timor as primeiras associações políticas, três delas com papel importante no processo. A União Democrática Timorense (UDT), que defendia autonomia progressiva e a manutenção dos vínculos com Portugal; a Associação Social-Democrática Timorense (ASDT) que, no mesmo ano, por influência de uma ala mais radical, transformou-se na Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (Fretilin), como o próprio nome já diz, seus representantes defendiam a independência; e a Associação

Popular Democrática Timorense (Apodeti), que defendia a integração à Indonésia. (FERREIRA, 2010, p. 40)

2.2.1 Uma nova e grande história de resistência para além da colonização

Com a guerra civil, ainda mais violência foi imposta a um povo que resistiu heroicamente pois, felizmente, tinha suas matas e montanhas onde se refugiar e sobreviver. Morreram nessa guerra mais de 250 mil pessoas (em torno de 1/3 da população). O uso do português foi proibido e o, do tétum foi desencorajado, houve violenta censura à imprensa e restrições ao acesso de observadores internacionais até a queda de Suharto³ em 1998. Em 30 de Agosto de 1999 foi realizada uma consulta popular em que mais de 90% da população participou e 78,5% votou na independência do país, ou seja, a maioria dos timorenses rejeitou novamente a integração pela Indonésia, que ignorou o resultado do referendo e continuou com suas milícias assassinando, queimando imóveis e aniquilando o território timorense.

Depois de terríveis 24 anos, em 18 de Setembro de 1999, aconteceu a intervenção da Organização das Nações Unidas – ONU, a partir de protestos em vários países, inclusive em Portugal nunca se viram tantas manifestações populares desde o 25 de Abril de 1974. Também a internet foi utilizada em massa na divulgação de campanhas pró Timor. Sob a chefia do brasileiro Sérgio Vieira de Mello, a ONU teve a missão de desarmar a milícia indonésia e auxiliar a reconstrução de Timor-Leste.

Aos poucos e contando com donativos de diversos países, o país foi se reorganizando e reconstruindo. Muitos exilados voltaram, incluindo Xanana Gusmão⁴. A Constituição do país passou a vigorar no dia 20 de maio de 2002, quando foi devolvida a soberania ao país passando este dia a ser assinalado como Dia da Restauração da Independência.

Existem inúmeros registros sobre a resistência timorense (documentos, fotos, vídeos etc), anteriores a 1973 até 2004, que estão organizados e disponíveis

³ Hadji Mohamed Suharto foi um general ditador que governou a Indonésia de 1967 a 1998.

⁴ Líder político que implementou a Unidade Nacional, unificando os esforços de todos os setores políticos timorenses.

para consulta pública, na plataforma Casa Comum em parceria com o Arquivo & Museu da Resistência Timorense (AMRT)⁵, criado em 2005.

2.3 AS HISTÓRIAS ANTES DE OUTRAS HISTÓRIAS

Essa seção percorre pela cultura ancestral do Timor-Leste, trazendo informações sobre o mito fundador e a casa de rituais. Tais elementos ilustram a relevância da memória para esse povo que resistiu a sucessivas invasões e guerras e que tem na ancestralidade e imaginário fontes potentes de vida e elementos para criação artística e cultural.

2.3.1 O Crocodilo e o Menino – Uma história ancestral

Segue recorte de um texto da história tradicional sobre o nascimento do Timor-Leste, escrito pelo professor José Carlos Adão⁶ e publicado no website de notícias Tribuna Alentejo⁷:

Recordo-me, e gostaria de contar-vos, a propósito da restauração da independência, de uma breve história, com tonalidades de lenda [...]. É a história de Timor-Leste e de um menino, nos seus sonhos de crocodilo, partindo em busca do disco dourado que existe no fim do mar. [...] O menino descansava à beira de um rio que deslizava para o mar, enquanto observava as maravilhas que o seu olhar conseguia avistar. O menino pensava e sonhava, olhava o Sol que tinha acabado de nascer e pensava que aquele disco dourado era o seu sonho e que um dia iria alcançá-lo. Todos temos sonhos na nossa vida, pensava. Todos os temos e todos os devemos viver. Ambicionar chegar até eles e alcançá-los é um direito nosso e ninguém tem o direito de nos tirar esses sonhos, pensava o menino que, um dia, seria avô [...].

Sentado na beira do rio, o menino adormeceu com os raios de sol a aquecerem-lhe as faces e o olhar sonhador. Dormiu quase uma manhã. Acordou com o barulho de alguém ou algo que se tenta libertar e não consegue, pois as forças tinham-no abandonado. Era essa a dor de um velho crocodilo, faminto, que tinha abandonado o mar, procurando em terra o que nela não encontraria também. Preso, velho, cansado e sem esperança, lutava, ainda, os últimos momentos contra um banco de areia que o tinha capturado e, imóvel, faltava-lhe a voz para pedir ajuda. [...] Esta história, que

⁵ Arquivo & Museu da Resistência Timorense. Disponível na plataforma Casa Comum – Fundação Mário Soares: <http://casacomum.org/cc/parceiros?inst=4>. Acesso em: 29 set. 2020.

⁶ Foi formador de professores no Timor-Leste e é atualmente adjunto da Coordenação do Ensino Português nos Estados Unidos da América – área consular de Newark.

⁷ Tribuna Alentejo – disponível em: <<https://www.tribunaalentejo.pt/artigo/o-menino-e-o-crocodilo>>. Acesso em: 31 out. 2020.

se conta ao amanhecer, aconteceu no tempo em que os animais falavam, ou não falavam, mas as pessoas, ainda assim, conseguiam entender o que diziam.

O menino correu em sua ajuda e, sem conhecer o tipo de ser que ajudava, não teve medo em ajudar o crocodilo e, usando toda a sua força e valentia ingénua, salvou o crocodilo da sua morte anunciada. O crocodilo respirou e ficou muito grato ao menino pois nos seus olhos viu a juventude e esperança que perdera. Nos olhos do menino, o crocodilo viu o amanhecer do Sol a repetir-se, como acontecera horas antes. E o menino ficou feliz por o ter ajudado e, olhou o crocodilo que lhe ofereceu uma viagem, em troca, pelo mar. O menino aceitou e disse ao crocodilo que sonhava. Todas as crianças sonham [...]. O crocodilo ouviu o pedido que era encontrar o disco dourado no fim do mar e aceitou fazer parte do sonho do menino que era a semente de um país.

Então, cansado de olhar o infinito, o menino sentou-se nas costas do crocodilo e, acordando num pacto de não-agressão, viajaram pelo mar, flutuaram nas águas quentes do mar de Java, circundaram os mares de Bali, Banda e procuraram, mas nunca encontraram o disco dourado... Cada vez que pensavam estar perto, o disco fugia ou escondia-se e, em seu lugar, surgia como que um espelho, uma luz que não era verdadeira, mas o reflexo do disco que não estava lá. Passaram-se muitos anos a navegar nos mares que, nessa altura, eram quase vazios e a idade dos dois passou tão veloz como os anos. Falaram pela última vez e o crocodilo disse ao menino, numa voz rouca e cansada, que não conseguiria dizer mais palavras e seria o último a falar. A partir daí, nunca mais os crocodilos falaram com os meninos, nem com os homens. Sem voz e sem comunicação, como eles, tornamo-nos estranhos e não nos conseguimos entender nas nossas vontades. Há quem diga que, por isso, também temos medo dos crocodilos e devemos, com toda a razão, diria eu, ficar bem longe deles, pois o pacto que outrora houve e o encontro entre o avô e a semente foi anulado quando ambos deixaram de falar. Quando fechou os olhos, o crocodilo transformou-se em ilha e deu uma casa, um lugar para viver e ver o amanhecer mais de perto, ao menino, que é o antepassado de todos os timorenses. O crocodilo adormeceu e fez-se ilha. Está ainda deitado, calmo, imóvel nas águas quentes do Índico, marcando a separação com o Pacífico. O avô adormeceu neste lugar, a semente que era o menino aqui ficou a olhar o Sol e a envelhecer a cada amanhecer. Porque um menino sonhou e cresceu e não desistiu do sonho, nasceu Timor. [...] Timor é onde o Sol nasce, é a terra do amanhecer.

Esse mito pode servir de base para os eventos da narrativa de Luís Cardoso. No tempo do mito, em que os animais falavam, já está indicada a resiliência que irá marcar esse povo, basta observar a relação entre o menino e o jacaré a explicar a força dos sonhos como componente do país que iria nascer. Igualmente a geografia acidentada do território é explicada pela anatomia do animal que se transforma em ilha de vibrantes selvas ao lado de imponentes montanhas e tudo isso cercado pelas quentes e azuis águas do Índico.

Figura 3: O crocodilo que se fez Timor



Fonte: <http://bibliosame.blogspot.com/2013/07/o-crocodilo-que-se-fez-timor.html>

2.3.2 *Uma Lulik* – A Casa de Rituais Sagrados

Antes dos portugueses chegarem, a tradição religiosa do Timor-Leste era baseada em outras crenças e rituais. Os rituais para chamar os seus antepassados eram realizados em construções chamadas de *Uma Lulik* e cada comunidade do leste timorense pode ter essas construções de forma diferente. Seguem alguns trechos interessantes, destacados de uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (SILVA, 2017, p. 20 e 22), sobre o fundamental significado dessas construções para a cultura de Timor-Leste:

O local de origem é um referente importante nos processos de identificação e reconhecimento das populações leste-timorenses. A ideia de origem fornece e alimenta a base ritual do presente. Grupos de casas são compostos por pessoas que reconhecem uma fonte comum, à qual regressam em ocasiões rituais específicas. As maneiras de construir uma casa de moradia e/ou sagrada e habitá-la expressam modos de reafirmar as relações com os mitos de origem de um grupo.

Uma lulik simboliza a continuidade entre passado, presente e futuro. A recriação arquitetônica das habitações compreende um sentido sagrado e pode acionar diversas modalidades de relações e alianças: entre seres humanos, coisas, ancestrais, mortos etc. Trata-se de uma matriz de significados, que materializa conteúdos de diferentes ordens.

Ainda sobre esse importante local que conecta o país às práticas e crenças de seus ancestrais, são destacados dois parágrafos do website⁸ organizado por Fernão Ximenes (um timorense) e por Isabel Nolasco (uma portuguesa) que tem como objetivo divulgar as riquezas do Timor-Leste:

Em 2002, depois da independência, houve um esforço fervoroso para reconstruir as casas sagradas que foram destruídas e saqueadas pelas milícias em 1999 em toda extensão de Timor-Leste. Depois da independência, a *Uma lulik* voltou a ganhar relevo e o seu valor: preserva a tradição do país, as relações familiares e, portanto, preserva a própria base cultural para as novas gerações.

Os timorenses identificam três estilos diferentes de *Uma lulik* que representam a cultura do país: os das regiões oeste, central e leste do país. A *Uma Lulik* tem um número de divisões significativas e todos os objetos que são armazenados na *Uma lulik* são sagrados. [...] Se observarmos a *Uma lulik* de diferentes perspectivas, vemos que o pombo e os chifres de búfalo são claramente mostrados no telhado, mas a estrela que representa os valores fundamentais muitas vezes não é muito claramente vista.

O esforço por recuperar os locais e monumentos sagrados dá conta da necessária reconstrução física e simbólica do país, que busca nos mitos e nas culturas tradicionais os significados e práticas que a violência colonial não conseguiu fazer desaparecer.

Figura 4: *Uma Lulik*



Fonte: <https://www.elearning.citaliarestauro.pt/enrol/index.php?id=52>

⁸ *Uma lulik* (as casas sagradas) na cultura do povo timorense – 29-06-2015. Disponível em: <https://isabel-nolasco-photography0.webnode.pt/news/uma-lulik-as-casas-sagradas-na-cultura-do-povo-timorense/>. Acesso em: 30 set. 2020.

2.4 UM TERRITÓRIO DE DIVERSIDADES – ORALIDADE E ESCRITA EM CONFLUÊNCIAS

Além do tétum (que é língua oficial nacional junto com o português – herança colonial), há no território cerca de 15 outras línguas nativas, e a oralidade é uma marca cultural ancestral ainda forte no Timor-Leste. A língua portuguesa foi a eleita pelo governo para ser utilizada em espaços administrativos e acadêmicos e na alfabetização escolar.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE⁹, em 2018 a taxa de alfabetização dos timorenses de 15 anos ou mais de idade, era de 68,0668%, que é baixo se comparado, por exemplo, com São Tomé e Príncipe (92,8166%) que também foi colônia de Portugal e teve sua independência tardia, em 1975. Contudo é necessário considerar que essa segunda colônia não tem sua história marcada por vinte e quatro anos de devastação como a primeira.

Assim, analisando a taxa de alfabetização dos timorenses que tem cultura fortemente oral, caracterizada por significativa diversidade de línguas nativas, e o fato de que restaurou sua independência há apenas dezoito anos, percebe-se um país com capacidade de rápida recuperação e reorganização social e um povo fortalecido em suas raízes culturais. Por outro lado, o país é prejudicado em seu desenvolvimento social pela imposição da língua portuguesa na escolarização. Nesse sentido, enfatizando a importância das línguas nativas para um país que se orgulha de suas heranças ancestrais, seguem trechos selecionados de duas reportagens, publicadas na revista *Exame* (2014) e no *Landportal* (2019), que abordam alfabetização e questões sociais herdadas da colonização que interferem na aprendizagem.

[...] se reconectar com o português parece paradoxal para os dois terços da população atual nascida após a era colonial. Segundo o censo de 2010, apenas 25% dos entrevistados falam o idioma, contra 45% que usam o bahasa indonésia e 56% o tétum.

Nas escolas o português foi fixado como língua de instrução desde o começo, algo que o brasileiro Davi Borges de Albuquerque, doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), vê como pouco prático.

Albuquerque também adverte que o português dificulta a aprendizagem dos alunos, opinião compartilhada pela linguista australiana Kerry Taylor-Leech que descreve em um estudo um sentimento de alienação entre os timorenses

⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Disponível em: <https://paises.ibge.gov.br/#/mapa/comparar/timor-leste?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2020.

perante um sistema educacional que 'não reflete as necessidades e realidade cultural'.¹⁰

“Estou impressionada com o orgulho que os timorenses assumem na sua herança cultural e como as práticas indígenas se traduziram em importantes ganhos em proteção ambiental e biodiversidade”, salientou Tauli-Corpuz no relatório. “Estes [ganhos] podem servir como exemplos inspiradores para outros países”, sustenta a relatora.

Tauli-Corpuz assinala ainda que “a língua é o maior desafio em garantir acesso à justiça”, já que “a maioria dos atores judiciais utilizam idiomas [português e tétum] que não são de língua materna para a maioria da população”.

Nesse sentido, na educação, além de destacar as “pobres infraestruturas das escolas”, pede ao Governo que tome “medidas adicionais para proteger, revitalizar e promover os mais de 30 idiomas [indígenas] em Timor-Leste”.¹¹

Como se percebe, a opção pela língua portuguesa como língua oficial segue fatores políticos (influência de líderes como Xanana Gusmão e de políticas de apoio de governos brasileiros no incentivo ao uso da língua comum)¹², em que os efeitos do colonialismo de certa forma se mantêm, já que interferem em processos próprios de aprendizagem e nos esforços de revitalização das culturas e línguas locais

¹⁰ Timor-Leste quer alfabetizar em português para popularizá-lo. Publicado em: 06 set. 2014. Disponível em: <https://exame.com/mundo/timor-leste-quer-alfabetizar-em-portugues-para-populariza-lo/>. Acesso em: 28 set. 2020.

¹¹ ONU afirma que Timor-Leste deve agir na justiça, educação, saúde e recursos para proteger indígenas. Publicado em: 25 Abr. 2019. Disponível em: <https://landportal.org/pt/news/2019/04/onu-afirma-que-timor-leste-deve-agir-na-justi%C3%A7a-educa%C3%A7%C3%A3o-sa%C3%BAde-e-recursos-para-proteger>. Acesso em: 29 Set. 2020.

¹² Para ter uma ideia dos envolvimento da política externa brasileira no início do século XXI, por exemplo, na condução de parcerias comerciais e culturais com Timor outros países asiáticos e com países africanos, consultar: <http://bibliosame.blogspot.com/2013/07/o-crocodilo-que-se-fez-timor.html>; <https://www.mundolusiada.com.br/cplp/brasil-e-timor-leste-intensificam-programas-de-cooperacao/>; <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/blank-39086072>. Acesso em: 05 out. 2020.

3 LUÍS CARDOSO: UM CONTADOR DE HISTÓRIAS OU UM ESCRITOR DE VIVÊNCIAS

Luís Cardoso de Noronha é autor dos romances *Crônica de Uma Travessia* (1997), *Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (2002), *A Última Morte do Coronel Santiago* (2003), *Requiem para o Navegador Solitário* (2007) e *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013) e *Para onde vão os gatos quando morrem?* (2017). O escritor é um dos colaboradores da Plural Editores – Timor-Leste, junto com outras personalidades timorenses. E no seu perfil do website da editora¹³, com data de 04 de dezembro de 2014, está descrito:

Nasceu em Cailaco, no interior de Timor-Leste, em 1958. Estudou nos colégios missionários de Soibada, Fuiloro e no Seminário de Dare e no Liceu Dr. Francisco Machado em Díli, continuando depois os estudos em Portugal. Formou-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa e desempenhou as funções de representante do Conselho Nacional da Resistência Maubere, foi contador de histórias timorenses, cronista da revista Fórum Estudante e professor de Tétum e Língua Portuguesa.

Esse importante nome da literatura timorense escreveu suas obras na diáspora, pois logo depois de viajar para estudar em Portugal, o Timor-Leste foi invadido pela Indonésia, ficando assim, o autor, impedido de retornar ao seu país por mais de vinte anos. Tanto a situação de guerra do país quanto as vivências pessoais do autor estimularam sua escrita. E assim, através de suas memórias, reconecta-se com seu território através do coração, lança olhares sobre a história do Timor-Leste e acolhe sua alma plural, repleta de diversidades e particularidades. Narra, como um contador de histórias da tradição oral, sobre seu povo: os saberes ancestrais, sua resistência, o importante lugar, na casa, desempenhado pelas mulheres – de conservar as antigas crenças e as práticas espirituais. Em suas próprias palavras:

São elas que mantêm os rituais e os ritmos próprios da casa, da família, das alianças, das tradições. São as mulheres que fazem esse trabalho todo em casa. Portanto, há dois mundos. Um mundo que é o social, o da igreja católica, e um mundo muito privado, particular, íntimo, que tem a ver com as crenças animistas timorenses. E isso está muito mais relacionado com as mulheres, que cumprem, de uma forma muito regrada, esses rituais.¹⁴

¹³ Plural Editores – Timor-Leste. Disponível em: <http://www.pluraeditores.tl/o-nosso-pais/autores/autor/ver/?id=32125>. Acesso em: 05 out. 2020.

¹⁴ CARDOSO, Luís. Entrevista à Sissa Frota. Publicado em: 23 maio. 2010. Disponível em: <https://embomportugues.wordpress.com/2010/05/23/as-travessias-de-um-navegador-nada-solitario/>. Acesso em: 25 set. 2020.

Provavelmente, não iremos falar o português de Portugal, mas o português de Timor-Leste, com todas as nuances que tem o imaginário timorense. Por exemplo, «boca do mar», em tétum, é «praia» em português. Por que não transmitir essas metáforas todas para a Língua Portuguesa? Em vez de dizer «vou à praia» porque não «vou à boca do mar». É muito mais doce.¹⁵

Em uma entrevista de 1998¹⁶ sobre o seu primeiro livro, o autor disse que escreveu a história de Timor através de uma história pessoal, uma vivência igual a tantas outras que muitos timorenses poderiam contar, mostrando no livro o país que ele conheceu – através de seus olhos. Conta também que acompanhou seu pai, que era enfermeiro por todo o Timor, durante o período da colonização, presenciando o resgate da cultura local, pelas práticas do próprio pai, que quando as penicilinas não davam efeito ele servia-se dos saberes ancestrais, dos remédios timorenses, dos produtos naturais. E afirma que esse não é um livro apolítico, pois a resistência do povo ao invasor tem aqui lugar. Por outro lado, em 2008¹⁷, o autor desabafou que temia ir a Ataúro e ver um local diferente do paraíso das suas memórias, das suas viagens interiores. Salientando seu engajamento em mostrar a resistência do seu povo, através da sua história pessoal, da sua ancestralidade, Luís Cardoso disse, em 2010¹⁸, que sua escrita é um complemento do seu trabalho político de narrar um outro Timor – seus mitos, seus ritos e suas travessias, sua diversidade cultural e a possibilidade de convivência.

O autor publicou, em 2017, seu mais novo romance: *Para onde vão os gatos quando morrem?* No *website* da editora¹⁹, encontra-se a seguinte sinopse:

O regresso a Ataúro, terra da infância, «terra do nunca», é o início desta nova viagem ao revés, de Luís Cardoso, um romance veloz, poético e emotivo, que percorre a infância e a idade de formação do narrador, a diáspora, as lutas, as desilusões, as traições, as perdas, o regresso, cruzando-o com uma plêiade de personagens extraordinárias. Uma viagem que, naturalmente, corre ao lado da história de Timor Leste, com a fantasia e a ironia que marcam

¹⁵ CARDOSO, Luís. Entrevista à Agência Lusa – Lisboa. Publicado em: 25 nov. 2015. Disponível em: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/75241>. Acesso em: 25 set. 2020.

¹⁶ CARDOSO, Luís. Entrevista a Arquivos de Literatura (Expresso). Disponível em: http://www.sudoestealentejano.com/literatura/paginas/luis_cardoso.htm. Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁷ CARDOSO, Luís. Entrevista a Pedro Rosa Mendes, Agência Lusa – em Díli. Publicado em: 21 abr. 2008. Disponível em: <https://www.geralforum.com/board/showthread.php/201046-um-dia-os-timorenses-vao-descobrir-me-diz-escritor-luis-cardoso>. Acesso em: 21 set. 2020.

¹⁸ CARDOSO, Luís. Entrevista à Sissa Frota. Publicado em: 23 maio. 2010. Disponível em: <https://embomportugues.wordpress.com/2010/05/23/as-travessias-de-um-navegador-nada-solitario/>. Acesso em: 25 set. 2020.

¹⁹ Editora Sextante. Disponível em: <https://www.sextanteeditora.pt/produtos/ficha/para-onde-vao-os-gatos-quando-morrem-/19118378>. Acesso em: 05 out. 2020.

desde sempre a voz do autor e nos fazem suspirar por essas terras misteriosas e de aterradora beleza.

Assim, esse último livro parece mais uma ficção autobiográfica sobre as vivências de infância do autor em Ataúro e a experiência de voltar a essa terra. O título já traz à mente a imagem de uma criança, pelo questionamento, e indica a temática da morte, da separação, da perda, possivelmente por uma perspectiva metafísica, a partir das crenças de seus ancestrais.

4 MEMÓRIAS SOBRE UM POVO DE UMA TERRA ENCANTADORA E DISTANTE – OUTROS ESTUDOS SOBRE LITERATURA TIMORENSE

Alguns estudos sobre as obras de Luís Cardoso apontam um autor irônico que dialoga com artes clássicas e contemporâneas e que, no processo criativo de contação de suas memórias pessoais, num período de exílio, reconstrói a história do Timor-Leste, recuperando e atualizando as identidades de seu povo. Ao fazer algumas ligações entre os livros (as histórias), através de personagens, de mitos, de símbolos, o autor fortalece essa característica de narração oral, pois parece remeter as dimensões da ficção às sequências reais de experiências da vida, as duas esferas entrelaçam-se em alguns momentos. Dois exemplos dessa conexão, são o alfinete usado por Beatriz, que liga *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* com *A última morte do coronel Santiago* e a personagem Catarina, figura central de *Requiem para um navegante solitário*, que reaparece em *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (PAULINO; QUEIROGA, 2017). E o protagonismo das personagens femininas reflete na obra a importância das mulheres para a cultura timorense.

O romancista timorense faz uso ainda de recursos como ironia, paródia e intertextualidade, como formas de transgressão. Dialoga não apenas com a tradição cultural da sua terra natal como faz inúmeras referências ao universo pop contemporâneo. (FERREIRA, 2016, p. 119)

[...] Luís Cardoso se tornou um contador de histórias, usando para isso não apenas nas suas vivências e memórias, mas os mitos e costumes do seu povo e uma rica e profundamente enraizada — tradição oral. O próprio Cardoso, contudo, refuta essa característica heroica de sua entrega pessoal à literatura. Não toma para si o título de "romancista do Timor" que já lhe foi concedido algumas vezes pela imprensa. Diz que apenas que é um contador de histórias, e que as histórias que conta estão ligadas às suas origens. (FERREIRA, 2010, p. 36)

A mãe do narrador, uma única vez identificada na narrativa como "a velha Clara", ressentida-se da usurpação cultural que lhe é imposta. O pai é enfermeiro, funcionário leal à bandeira portuguesa [...]. Como tal, assimilava os costumes ocidentais conforme o exercício da sua profissão o exigia. A figura feminina é apresentada como guardiã da cultura timorense, da tradição de resistência da nação e demonstra estranhamento com essa condição artificial de estar no mundo. Fato este que confirma a proposição de que o indivíduo, nesse local, encontra-se também em conflito permanente entre o que é imposto pela cultura exterior, e o que é saber adquirido pelos costumes e pelas vivências ancestrais. (PEREIRA, 2006, p. 4)

O hibridismo da sociedade timorense é tema relevante em trabalhos sobre a literatura de Luís Cardoso, pois aparecem em seus livros tanto registros da cultura tradicional – como os mitos, a diversidade linguística e a oralidade – quanto as marcas

da colonização – como a forte presença e influência dos militares portugueses, a assimilação da religião e da modernidade impostas.

A imagem de nação claramente expressa pelo narrador remete à diversidade linguística experimentada em Timor Leste. [...] E essa multiplicidade, agregada no conjunto da missão, será uniformizada, homogeneizada através da cultura e da língua que transmite a cultura ocidental. (PEREIRA, 2006, p. 9)

[...] Desde cedo o hibridismo cultural fez parte da sua vida: vivia cercado de influências da metrópole e imerso na cultura local. Dentro de casa, convivia com o multilinguismo do território, já que seu pai era falante nativo de um dialeto e sua mãe de outro. (FERREIRA, 2016, p. 5)

Em uma apresentação, de 2010, Priscila de Oliveira Ferreira (2010) analisa os quatro primeiros livros do autor. Apresenta *Crônicas de uma Travessia* (1997) como um romance de memórias que tem como pano de fundo importantes fatos históricos. Comenta sobre a valorização do saber ancestral em *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* (2001). Ferreira destaca a mistura da cultura tradicional com um universo globalizado em *A Última morte do Coronel Santiago* (2003). Por fim, em *Requiem para o Navegador Solitário* (2006), refere à presença do navegador Alain Gerbault – famoso por ter realizado sozinho, no início do século passado, uma viagem de circum-navegação e apresenta a pequena ilha do Pacífico que retrata os diversos conflitos naquele território. Assim, envolvido por toda essa variedade e intensidade de informações, o leitor é convidado a transitar por diferentes perspectivas para compreensão de uma escrita permeada de símbolos, referências e metáforas. E também é instigado a conhecer melhor a geografia e cultura local, pois é conduzido por montanhas, paisagens, territórios e diferentes formas de relacionar-se com a natureza.

[...] a escrita de Luís Cardoso mostra-se hermética, pois representa, num primeiro momento, a indeterminação histórica, geográfica e linguística que é Timor. A história é composta pelo fluxo de consciência do narrador que traz, para o universo ficcional, os mitos e lendas, bem como topônimos do passado timorense. Desse, não apenas a geografia do lugar é necessária para a compreensão do narrado, como também as datas históricas ou os fatos são eleitos pelos nomes dos seus ícones representantes. (PEREIRA, 2006, p. 6)

No ensaio “Reflexões sobre a história do Timor-Leste através do romance *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação, de Luís Cardoso*”, José

Fornos (2014) analisa o romance levando em consideração aspectos históricos que marcam o Oriente asiático no século XX. A trama, a partir da representação de um grupo de personagens, reproduz a dinâmica política e cultural do Timor-Leste, uma ex-colônia portuguesa. Nesse sentido o estudo destaca: a diversidade de línguas marcada pelo uso de palavras em tétum, como *malae* e *bapak*, associadas, respectivamente, ao estrangeiro português e ao indonésio, dois tipos importantes no tratamento do enredo; a opressão política e doméstica sofrida pelas mulheres pelo poder militar e masculino; o envolvimento das personagens com acontecimentos históricos; a violência registrada na história do país pelas diversas invasões e ocupações estrangeiras; o destaque das sandálias na representação da subjetividade e independência feminina; o hibridismo e a resistência marcados pela personagem Pigafetta; a importância dos questionamentos da jovem Carolina que revelam informações escondidas pelos adultos; as ideologias sociopolíticas registradas pelas personagens Amadeu e Sakunar; uma sociedade influenciada por chegadas e saídas e resistente pelo desejo de liberdade.

5 ESTUDOS DECOLONIAIS – OUTRAS PERSPECTIVAS SOBRE MODERNIDADE E COLONIALIDADE

Os estudos apresentados no capítulo anterior baseiam-se em conceitos teóricos pós-coloniais, citando autores como Edward Said, Homi Bhabha, Stuart Hall, Jane Tutikian.

Os estudos pós-coloniais [...] são oriundos de importantes centros de produção acadêmica do chamado “primeiro mundo” e surgiram com uma forte influência do pós-modernismo e do pós-estruturalismo, mais focados, portanto, na análise do discurso e da textualidade. Com êxito editorial maior que o de outras correntes críticas nesses centros mundiais de enunciação, o pós-colonialismo teve, também desde os anos 1990, uma forte influência na produção intelectual periférica, sempre atenta ao discurso dominante. (ELIZALDE; FIGUEIRA; QUINTERO, 2019, p.4)

No entanto, esse trabalho segue por outros caminhos, pois toma por orientação teórica os estudos decoloniais, desenvolvidos desde o final da década de 1990, com as pesquisas de Aníbal Quijano sobre a colonialidade – o lado oculto da modernidade em relação aos países colonizados. Tais estudos propõem um “giro decolonial”, ou seja, o desprendimento de pontos de vista, definições e verdades estabelecidas a partir do pensamento ocidental, conduzindo à ideia de um deslocamento que exige um abrir-se para novas possibilidades de perceber e receber cosmovisões e conhecimentos que foram silenciados, desvalorizados e excluídos no processo de colonização e que se constituíram e reorganizaram-se através de lógicas não euroimperialistas.

Ya no se trata de las puertas que conducen a la “verdad” (aletheia), sino a otros lugares: a los lugares de la memoria colonial; a las huellas de la herida colonial desde donde se teje el pensamiento decolonial. Puertas que conducen a otro tipo de verdades cuyo fundamento no es el Ser sino la colonialidad del Ser, la herida colonial. [...] El giro decolonial es la apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vida-otras (economías-otras, teorías políticas-otras) [...] (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007, p. 29)

Na perspectiva desses autores, tanto a forma decolonial quanto a descolonial referem à dissolução das estruturas de dominação e exploração configuradas pela colonialidade, mas a forma decolonial é mais utilizada por representar um sentido mais amplo, não apenas de desfazer o colonial, e sim de tratar das relações de poder da modernidade, seus efeitos políticos, econômicos e

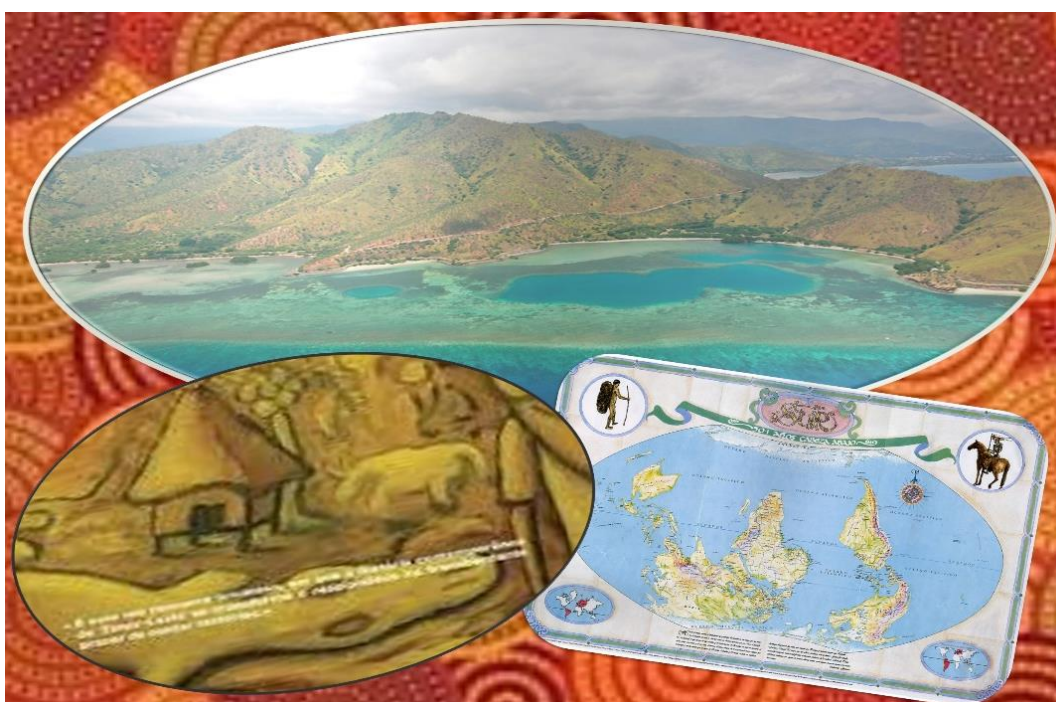
socioculturais e também de projetos específicos para essas sociedades. Os estudos sobre colonialidade do poder dividem-se em quatro conceitos principais: colonialidade do saber, do ser, da natureza e do gênero. A colonialidade do saber refere-se à universalização do conhecimento eurocêntrico moderno como verdade única que anula e desconsidera outras formas de pensar, resultando na colonialidade do ser, que nega a existência de quem tem outra visão de mundo, considerado como um ser incapaz e por isso subjugado: “é a partir da centralidade do conhecimento na modernidade que se pode produzir uma desqualificação epistêmica do outro. Tal desqualificação representa uma tentativa de negação ontológica” (ELIZALDE; FIGUEIRA; QUINTERO, 2019, p. 7). As questões ecológicas assim como as de gênero são ainda tratadas de forma marginal pelos estudos decoloniais.

Também foram base para essa pesquisa textos que, apesar de não estarem explicitamente identificadas com os estudos decoloniais ou não recorrerem a parte de seu arcabouço teórico-conceitual, partem de um lugar de enunciação com profundas semelhanças: *Cosmovisiones* (Carlos Lenkersdorf), *El pensamiento indígena y popular* (Rodolfo Kusch), *Olhares negros: raça e representação* (bell hooks), “Um corpo feito de olhares – Amazônia” (Viveiros de Castro e A. Taylor). Algumas leituras como *Vocês, brancos, não têm alma*, de Jorge Pozzobon e o capítulo “Palavras de Omama”, da monumental obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert – também foram de grande contribuição para esse trabalho, pois registram outros saberes, outros mundos identificados nas Epistemologias do Sul. Definido por Boaventura de Sousa Santos em 1955, o termo tem possibilitado, conforme Arturo Escobar (2016), abordar o pluriverso – diferentes formas de compreender e significar e explicar o mundo, a partir de povos que mantêm relações intersubjetivas e sociais com os não humanos e com o ambiente, são as ontologias relacionais. Tal perspectiva enfatiza as relações de poder desiguais entre Norte e Sul que mantêm relações coloniais de dominação para além das relações econômicas e financeiras, atingindo a dimensão epistêmica com a desvalorização de saberes excluídos da modernidade e da racionalidade.

6 UM GIRO DECOLONIAL ATRAVÉS DA OBRA *O ANO EM QUE PIGAFETTA COMPLETOU A CIRCUM-NAVEGAÇÃO*

Nesse capítulo serão apresentados alguns conceitos decoloniais e como aparecem elementos desses estudos no livro de Luís Cardoso. Na sequência, serão desenvolvidas análises sob a perspectiva da resistência à colonialidade do “corpo-território” das mulheres e das “circum-navegações” das personagens Carolina e Pigafetta – seus diferentes percursos de resistência e subversão da lógica ocidental.

Figura 5: Ilustração



Fonte: Autoria própria

A figura acima é uma ilustração criada para esse capítulo, a partir das imagens de um mapa-múndi²⁰ invertido que representa o giro decolonial, da capa do livro²¹ e do belo território oriental²² que são foco deste estudo.

²⁰ KOGAN, Andrés. *Una crítica desde los territorios al giro decolonial en América Latina*. Diario Uchile: Año XII, 30 de noviembre de 2020. Disponível em: https://radio.uchile.cl/2020/10/17/una-critica-desde-los-territorios-al-giro-decolonial-en-america-latina/?fbclid=IwAR29TYV4d6FjHWQORlu_pS8YvM15kAMii09QZTBZcIFWVGKdwiBSofKcX2Xs. Acesso em: 13 nov. 2020.

²¹ Sextante Editora. *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Disponível em: <https://www.sextanteeditora.pt/produtos/ficha/o-ano-em-que-pigafetta-completou-a-circum-navegacao/14084747>. Acesso em: 13 nov. 2020.

²² Conexão Lusófona – Turismo. *Cinco motivos para se apaixonar por Timor-Leste*. Disponível em: <https://www.conexaolusofona.org/cinco-motivos-para-se-apaixonar-por-timor-leste/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

6.1 MUNDOS E OLHARES RELACIONAIS

A obra *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* reflete desencontros de culturas e cosmovisões; sendo um lugar de conflito, mas também de busca por formas de resistência e manifestação. A ideia de completar a circum-navegação, apresentada desde o título, dialoga com a lógica do giro decolonial, que propõe epistemes de fronteira. Nelas o conhecimento está encarnado em sujeitos atravessados por contradições sociais, vinculados a lutas concretas e enraizados em pontos específicos de observação (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007).

É importante comentar a diferença entre os conceitos tradicionais de hibridismo, bastante presentes nos estudos sobre a literatura, cultura e identidade timorense, para destacar a visão da perspectiva decolonial. Essa abordagem dialoga com o conceito de zonas de contato, proposto por Mary Louise Pratt (1999), para dar conta dos espaços assimétricos e conflituosos em que as culturas dos povos colonizados produzem resposta aos discursos e imposições dos impérios e seus sucedâneos em todo o mundo. Para essa autora, pela transculturação esses povos operam apropriações e seleções a partir dos materiais transmitidos pelas culturas dominantes. A perspectiva decolonial trata de resistência através de relações profundas com o território e conhecimentos ancestrais, ou seja, de sujeitos transpassados por memórias da colonialidade, por culturas e cosmovisões que ressignificam os saberes e modos de ser impostos e criam formas alternativas e diversificadas de relacionar-se, identificar-se – em suma, de dar sentido aos seus pensamentos e à maneira como os materializam. Para compreensão dessas outras e novas possibilidades de ver e estar no mundo é fundamental abrir-se também para outros conceitos de cultura, como por exemplo, de sujeitos amazônicos, que estão incluídos nessas epistemes de fronteira:

Enquanto para nós a cultura se associa ao domínio da convenção, da regra e do artifício – em uma palavra, da variabilidade –, do ponto de vista indígena ela é um atributo natural da sociabilidade intra-específica [...]. Tudo o que a compõe é inerente à sociabilidade partilhada pelos indivíduos – sejam eles animais desta ou daquela espécie, espíritos, ou simples humanos – que se reconhecem e são reconhecidos por outros como semelhantes. (TAYLOR; CASTRO, 2019, p. 776)

Essa concepção não separa natureza e cultura e implica uma sociabilidade de outra ordem, em que humanos, não humanos e espíritos estão em relação entre si

e indissociados de seus ambientes. Luís Cardoso marca em seu texto a relação e conexão com seu território e cultura ancestral de diversos modos, como através do uso de palavras do idioma tétum, da oralidade (a maioria dos capítulos são iniciados por falas, repetição de frases que iniciam parágrafos em letras minúsculas e ausência de pontuação final antes e depois das falas) e das informações sobre as tradições espirituais (resguardadas pela personagem Aurora – avó de Carolina).

Ao acordar, estranhou que o velho tivesse desaparecido. Em seu lugar estava uma anciã que lhe punha panos húmidos na testa e se esforçava para lhe dar a beber um chá de ervas amargas. [...] Desconfiava que estivesse no meio de uma partida que a terra prega aos estranhos. Esse fenómeno a que os supersticiosos nativos chamam de *rain-fila*.²³ Quando tudo fica do avesso. [...] (CARDOSO, 2013, p. 36)

– *Não, não podes, Carolina*

enquanto tiver olhos para ver, os olhos de quem porventura passasse as vistas pelo retrato. [...] A volta que a vida dá, a volta que os *matebians*²⁴ dão nas tumbas se porventura souberem que lhes roubam o passado. [...]

Não, não podes, Carolina

enquanto tiver olhos para ver, os olhos de quem porventura passasse as vistas pelo retrato. Consigo ver para além do que julgas que a minha vista pode alcançar. Não são sombras, nem é imaginação. Pessoas reais que nos observam do outro lado. Também achas que estou louca, Carolina? [...] Se calhar não eram bem pássaros, mas estrelas que povoam o mar [...] Faltam-te anos, Carolina, assim como te faltam pés para que possas calçar essas sandálias. Ficam-te largas

Não, não podes, Carolina

enquanto tiver olhos para ver, os olhos de quem porventura passasse as vistas pelo retrato. Olhos que não permitem ver para além das evidências. [...] Como o galo que todas as noites dorme debaixo da tua cama e nunca viste e no entanto está lá. [...] (CARDOSO, 2013, p. 131 e 132)

Cardoso caracteriza, assim, línguas e categorias de pensamento não incluídas nos fundamentos dos pensamentos ocidentais (MIGNOLO, 2008). A literatura configura seu processo de consciência e de resistência, como um sujeito desterrado que inicialmente permaneceu em Portugal porque foi impedido de voltar para o Timor-Leste, mas que depois de vinte quatro anos, percebeu que voltar poderia ser mais desafiador do que viver reconhecendo-se através de suas memórias e de suas novas relações com o ex-colonizador. Assim, suas personagens refletem essas experiências, mergulhando em memórias, perdas e conflitos herdados da colonização e vislumbrando um futuro, apesar do cenário de guerra que devastou o país. São exemplos desses sujeitos que resistem, de diferentes formas, ao poder colonial:

²³ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): a terra virada do avesso.

²⁴ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): alma dos mortos.

Sakunar é militar que, em sua luta a favor da Indonésia, reproduz a violência que sofreu com a colonização; e Amadeu, um empresário que negocia com estrangeiros, mas conserva memórias da sua infância (seus sonhos com a Pontiana – figura feminina das narrativas orais, que encanta os homens com sua beleza) e, beneficiando-se da modernidade imposta pelo colonizador, garante a sobrevivência da sua família.

Adotou depois o nome de Sakunar. Este nunca ria... Como se quisesse reencarnar a figura de Malisera, de quem se dizia ser filho bastardo. [...] [...] Só a revolução lhe poderia devolver o que julgava ser seu. [...] Só com a violência. A violência revolucionária. Oposta à outra pela qual os legítimos proprietários foram desapossados. (CARDOSO, 2013, p. 48 e 49)

[...] Sempre sonhou que um dia havia de ter o seu encontro com a Pontiana. Gostaria que nessa altura ela lhe fosse aparecer no corpo da atriz italiana (CARDOSO, 2013, p. 18)

Sobreviver era uma forma de resistência. Assim o fizeram todos que se renderam. (CARDOSO, 2013, p. 196)

Outro exemplo das categorias de pensamento não reconhecidas pelo Ocidente euro-norteamericano pode ser identificado na relação da personagem Carolina com suas sandálias. No entremeio das experiências humanas da estória, Cardoso dá voz e papel importante para um par de sandálias que não só dão título ao primeiro capítulo (Prenda), como narram quase todos os capítulos e acompanham a personagem Carolina durante toda a sua trajetória. As sandálias, inicialmente, não cabiam nos pés da dona, Carolina, mas, conforme a personagem caminha, vão servindo e com isso consolida a episteme de fronteira. A jovem relaciona-se com seu território e com os outros intermediada pelo par de sandálias, que no seu processo de consciência, desempenham a tarefa mítica de manter o equilíbrio entre opostos que são complementares, materializa a relação de respeito mútuo entre todos os componentes do sistema cósmico – cada um realiza seu fazer em comunidade, mantendo o todo (LENKERSDORF, 1998). A atitude decolonial se intensifica com a complementaridade entre a sandália do lado esquerdo, que representa o coração, e a sandália irmã gêmea do outro lado, que hospeda a sensatez.

A partir de suas experiências de campo no altiplano andino, o filósofo argentino Rodolfo Kusch (2012) entra em contato com populações indígenas e camponesas. Observa em certos eventos a presença de um saber que implica o indivíduo com o coletivo e com a vida. Para manter o equilíbrio cósmico, o indivíduo,

diferente de uma saber científico que é impessoal, compromete-se com o saber que se revela nos rituais e que, além do fundo visível, passa pelo coração. Tal concepção pode dar conta do modo como, junto com suas sandálias, Carolina constrói seu conhecimento e transforma-se: sentindo e compreendendo sua existência, a partir de experiências vividas com as outras subjetividades com as quais se relaciona, acessa o passado para compreender seu lugar no mundo e no futuro do país independente.

As sandálias podem ser percebidas como uma representação da atraente modernidade imposta pela colonização que é ressignificada (“calçada”) com o caminhar de Carolina e suas experiências. Por outro lado, elas entram na estória como representantes da decolonialidade (epistemologia não ocidental), pois elas “falam”, principalmente a do lado do coração (da emoção) que participa, comentando as ações e a interioridade das personagens. Através de seus diálogos e narrativas pode-se perceber o contraste entre o pensamento eurocêntrico – que vê o mundo repleto de dualidades antagônicas, como sentir X pensar, masculino X feminino – e o pensamento seminal – que consiste em encontrar a superação de oposições irremediáveis, quase sempre colocando a unidade conciliatória em um plano transcendente, como referiu Kusch (2012). No plano metafísico das sandálias, elas intermediam (conciliam) realidades e relacionam-se com diversos mundos e, assim, configuram o texto como um pluriverso – que inclui ontologias ou realidades negadas na experiência eurocêntrica (ESCOBAR, 2016).

– Eu sou a tua prenda

Carolina teria ouvido essas mesmas palavras se me fosse dado voz, mas as sandálias foram feitas para ficarem mudas e todavia levam-nas para todo o lado como se fizessem parte de um corpo inteiro.

Eu sou a do lado esquerdo, onde bate o coração, falo também pela minha irmã gêmea, a do outro lado, que dizem ser a da sensatez. Deve ser por isso que se mantém silenciosa. Ralha-me e manda-me calar com uma voz oculta a que chamam consciência.

Às vezes é tão inflexível que apetece livrar-me dela. Lembra-me que sem ela não existo. Ninguém compra apenas uma sandália. Aos pares, foi assim que nos fizeram, uma a imagem da outra (CARDOSO, 2013, p. 9)

– Feminina?

uma dúvida que gostaria de ver esclarecida pela minha irmã. Cujas apreciações são muito rigorosas. Nunca me disse de que gênero faço parte. Por enquanto tenho-me sentido bem na pele de uma sandália

– As sandálias não têm sexo. Têm inclinações.

uma revelação que em vez de me deixar perplexa, liberta-me de certas fobias. Por exemplo, o medo do abismo ou de não saber a que lado pertença. Inclino-me para a leviandade. (CARDOSO, 2013, p. 166-167)

[...] Aquelas sandálias eram especiais precisamente por causa do tamanho.

[...] Contava cada dia da sua vida, um atrás do outro, o tempo que faltava

para que os pés se ajustassem ao tamanho exato das sandálias. (CARDOSO, 2013, p. 23)

– Não volte a fugir

Julieta ameaçava tirar-lhe as sandálias que, para seu espanto, Carolina trazia calçadas como se lhe servissem

– Não acredito

que a filha tivesse crescido tanto em tão pouco tempo. Tomou consciência de que Carolina já não era uma criança (CARDOSO, 2013, p. 169)

– Gostarias de dar uma volta ao mundo?

pergunto à minha irmã gêmea ao ler os pensamentos de Carolina. Ou melhor, o que o coração deixava transparecer para os pés

– Já me basta as voltas que me dão à cabeça (CARDOSO, 2013, p. 210)

6.2 A RESISTÊNCIA À COLONIALIDADE DO “CORPO-TERRITÓRIO”²⁵ DAS MULHERES

As representações do universo feminino existentes na obra são marcadas pelo destaque da sandália do pé esquerdo, do lado do coração, que é mais falante, sendo a voz e o olhar que inicia e encerra a obra. Assim, através da narração e do diálogo entre as sandálias, evidencia-se o pensar com o coração das personagens femininas do livro, que carregam memórias permeadas por perdas e dores decorrentes do domínio colonial e de uma guerra de mais de vinte anos que ameaçou destruir possibilidades de futuro. Nesse contexto, esses corpos femininos ou feminizados, marcados por violências de guerra em seus ambientes domiciliares, são corpos conquistados como territórios pelo pacto da masculinidade, numa estratégia de domínio e poder patriarcal (SEGATO, 2014). Como circum-navegações subjetivas, as trajetórias das personagens Carolina e Pigafetta permitem afirmar os corpos femininos como territórios de resistência à colonialidade.

Isadora é uma mulher fortemente marcada por desilusões amorosas e pelo abandono da mãe ainda na infância, o que impediu o fortalecimento da conexão com suas origens e território – “Não lembro das mãos da minha mãe, é triste não me lembrar disso. Nem sequer do seu cheiro [...]. Depois de me dar à luz foi-se embora,

²⁵ O conceito corpo-território procede de movimentos feministas e, de acordo com Hernández (2016), convida a uma percepção do corpo como um território vivo e histórico onde habitam as experiências, memórias e saberes; bem como, a uma percepção dos territórios como corpos sociais que integram a vida, ou seja, onde acontecem relações entre diversos corpos. Assim, através de seus corpos que são seus territórios, que se integram ao seu lugar no mundo, as mulheres ressignificam suas vivências dolorosas e resistem aos traumas e às opressões sofridas nas relações pessoais e sociais.

é triste lembrar-me disso. Fartou-se da ausência do meu pai, é triste lembrar-me disso” (CARDOSO, 2013, p. 103). Ainda jovem ela viajou, estudou, dançou e casou – desfrutou mais da modernidade e da liberdade social – diferentemente de outras mulheres de seu convívio. No entanto, semelhante a outras mulheres do seu país, foi abandonada pelo marido, assim como Catarina (*nona*²⁶ da Batávia) e, de certa forma, a avó Aurora. O marido de Isadora tornou-se revolucionário, Catarina nunca encontrou seu noivo e foi deixada grávida por um caçador de pérolas, e o major Álvaro Monforte desapareceu nas matas durante a guerrilha. Isadora teve seu filho sequestrado por um general indonésio. Nesse ponto sua história imbrica-se com a de Catarina, que teve seu filho sequestrado por Malisera (líder timorense da guerrilha). Emocionalmente massacrada, a mulher entrega-se a Sakunar (violento militar timorense que luta a favor da Indonésia), com quem tem filhas gêmeas – Ema e Uma. Isadora compartilha suas dores do corpo e da alma com Julieta, que a acolhe com carinho, dando-lhe forças para continuar resistindo e sobrevivendo pelos seus filhos. Após desabafar e passar a noite com Julieta, ela consegue enfrentar Sakunar, que reage com violência, mas é detido pelo homem escondido na casa da avó, que era o primeiro marido de Isadora. E sua coragem e resistência resultam num reencontro com o filho perdido e num reinício de vida na Austrália, um território que representa a modernidade e uma cultura que o seu corpo se identifica e almeja para tratar de suas feridas.

– O meu marido está desaparecido
que fez António Sakunar dar uma gargalhada ao mesmo tempo que a
agarrava pelo queixo e apertando-o com força
– Ele abandonou-te, bailarina, abandonou-te
com essas palavras feriu-a de morte mais do que balas.
[...] Foi-se embora quando devia ter ficado em casa para tomar conta dela e
do filho. No momento em que era preciso um homem para os proteger.
Tiveram de se haver sozinhos. Com tantos lobos famintos rondando a casa.
À espera de uma oportunidade para os devorar. [...] (CARDOSO, 2013, p. 81)

Tenho vergonha, Julieta, tenho
que me vejas o corpo quando esse corpo já não me pertence. Está refém de
um pacto que assinei num momento de desespero. [...] Nessa roupa que se
me cola a pele, nessa pele que se me cola à alma, nessa alma que por mais
que vá até a fundura de mim se me escapou. [...] Expurgar-me da vergonha,
da infâmia, da mentira, da falta de humanidade?
Seremos nós humanos, Julieta, seremos?

²⁶ Essa palavra não está no glossário, mas seu significado é explicado na narrativa que em malaio significa “senhora”, mas que é incorporado de forma depreciativa na língua tétum como “mulher de conforto”. (CARDOSO, 2013, p. 31 e 38)

para merecer esta vida, esta terra, esta beleza que nos penetra pelos olhos dentro e nos alivia a dor. Há um grande vazio dentro de mim e nem por isso me sinto mais leve. [...] (CARDOSO, 2013, p. 102)

Finito, Julieta, finito

como quando se acende a luz no cinema. THE END. [...] Quando era o tempo dos sonhos. Depois calço as sandálias. Há muito que sonho com sandálias. [...]

Os anos pesam, Julieta, pesam

Nas pernas, nas ancas, nos braços, na coluna, no pescoço e sobretudo nas vistas. Os olhos cansam-me quando o que se vê é atroz

Canso-te, Julieta, canso-te?

eu que falo pelos cotovelos, cabelos, joelhos, orelhas, queixo, peito e se calhar pelo sexo. Maldito sexo que faz com que muitos se matem por ódio ou por amor. [...]

Repara, Julieta, repara

como me ficam bem as sandálias de Carolina. [...] Mas para que quero eu saber as linhas das tuas mãos se estão estampadas no teu rosto. És uma mulher de sorte (CARDOSO, 2013, p. 108-109)

– Algures?

quando dou conta de que a tia Isadora adormece. O coração de andar aos saltos. Respira pausadamente. [...]

A minha irmã gémea mantém-se calada. Aliás como o faz durante todo esse tempo enquanto ouve o solilóquio da tia Isadora. Uma avalanche de água, terra e lama. [...]

Não sinto nenhum peso em cima. Liberta do peso que me esmaga contra o chão. Posso falar em voz alta. Mesmo daquilo que não ousaria dizer em voz baixa. [...] Depois adormeço. Esqueço-me Amanhã volto a ser uma sandália. A do lado esquerdo, onde bate o coração.

– Tum tum! Tum tum! Tum tum! (CARDOSO, 2013, p. 112-113)

Julieta, a mãe de Carolina, teve sorte, segundo a perspectiva da amiga Isadora, pois seu marido não precisou desaparecer, fugindo dos indonésios, nem foi assassinado, como muitos timorenses durante a guerra. Do ponto de vista dessa boa mãe e esposa, ela também sofreu uma perda, no seu caso, da liberdade de escolha, pois foi obrigada a casar e dedicar-se à família. Além de ser “negociada” por seu pai, também seu dócil e interesseiro Amadeu a disponibilizava como uma mercadoria para os americanos. Mas o marido mostra seu caráter masculino opressivo, quando percebe que foi explorado e abandonado, por seus parceiros de negócios, e reage com violência contra sua amada Julieta – “Não sabia por que razão Amadeu teria mudado de atitude. Só se fosse porque já ninguém queria saber dele. Os americanos depois de o terem utilizado despacharam-no” (CARDOSO, 2013, p. 214). Julieta, que teve a forte e importante presença da mãe (Aurora), resiste a todo esse contexto de “abandono” masculino de forma mais consciente do que Isadora, pois ela relaciona-se com outro homem (Raio de Luz, Américo, o locutor, o clandestino – um revolucionário) e parece ser uma articuladora política no meio da guerra. Assim, como

a personagem conta com a ancoragem da mãe, ela também dá suporte para as descobertas e para o processo de reconhecimento da filha Carolina, respondendo suas dúvidas e orientando sobre questões culturais e sociopolíticas – “Julieta recomendou à filha que estivesse atenta e preparada para o que iria passar no dia seguinte: o referendo” (CARDOSO, 2013, p. 190).

Apesar do seu aspecto frágil, Julieta era dotada de uma grande agilidade mental para se livrar de situações melindrosas. [...] Quando muito seria uma coruja. Atenta a cada por menor.

De regresso de suas viagens, Amadeu trazia-lhe uma lembrança [...]. Tudo que uma mulher pode desejar. E, mais do que isso, o marido de volta, coisa que foi faltando nos lares. (CARDOSO, 2013, p. 33)

[...] Ao sacristão, alguém lhe inventou uma história e fê-lo acreditar que era verdadeira. [...]

– Também a avó Aurora, mãe

por ainda acreditar que o avô foi para *tasi-balu*²⁷ quando toda gente já sabia que foi morto nas montanhas na altura em que estava preso

– Essa é outra história, filha

tinha que ver mais com mitos e crenças do que com efabulações ou proezas acerca dos feitos dos antepassados

– Acredito na história do sacristão, mãe

por ser uma pessoa que do seu ponto de vista era decente. Nunca matou ninguém, fosse quem fosse. [...] (CARDOSO, 2013, p. 173)

– Quem foi a nona de Batávia, mãe?

– Uma pequena

que um dia veio da Batávia, a atual Jacarta, ao encontro do noivo em Timor. O capitão do porto, Alberto Sacramento Monteiro. Não havia noivo nenhum. À espera dela estava um caçador de pérolas que lhe arranhou um filho. Depois abandonou-a. Teve de se arranjar sozinha (CARDOSO, 2013, p. 190)

Como Carolina ainda era menor, devia permanecer em casa. Logo de manhã tencionava ir com Amadeu colocar-se na fila para votar. Depois esperar para ver. Amadeu sempre disse o que achava da situação. Ela nunca revelou. Esperava que na hora certa a mão não lhe traísse

– Não falhará

convicta de que desta vez Timor fazia o acerto de contas com a sua história e faria a escolha por sua livre vontade, sem ser uma imposição por força das circunstâncias ou por desespero

– Alguma vez falhei?

pergunto a minha irmã gémea, que se sente incomodada com a pressa do meu relato dos acontecimentos

– Tu?! Não acertas é com o passo! (CARDOSO, 2013, p. 191)

– Não me batas, Amadeu

desta vez, ouviu muito bem as palavras da mãe.

Levantou-se da cama e foi espreitar. [...] Amadeu segurava-a pelos cabelos com as mãos. Como se fosse a parte fraca das mulheres. Por onde os homens as neutralizam. Deixam-nas impotentes. Subjugadas. Sem nenhuma possibilidade de reagir. [...] (CARDOSO, 2013, p. 213)

²⁷ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): o outro lado do mar.

Quando ela lhe dizia, no seu regresso do estrangeiro, que Raio de Luz se havia hospedado em sua casa e na sua ausência nem fez disso um caso. Como se nada se passasse. [...] Fazia parte do pacote do negócio com os americanos. A parte oculta que devia ficar por conta dela. Tarefas repartidas. Julieta entendeu o seu silêncio como permissão para continuar a fazer o que a sua consciência ditasse. (CARDOSO, 2013, p. 214-215)

– Juraste, Amadeu, juraste
que nunca havia de levantar a mão contra a filha do coronel, o que fez o major ficar orgulhoso por ter sido promovido ao posto de coronel, antes de o fazerem as entidades. Que nunca passaram de promessas.
O major não esperava ouvir isso de Amadeu. O *bainó*²⁸ sabia com quem falava. Foi o melhor dote que alguém lhe podia oferecer pela filha (CARDOSO, 2013, p. 216)

O ambiente onde se descortina a maioria das convivências da obra é a fazenda Monforte, que o avô de Carolina ganhou dos portugueses, em troca de uma criança resgatada em meio aos destroços da guerra (o menino era o filho de Catariana que tinha sido raptado pelo rebelde Malisera) – “Valendo-se da sua condição de ter sido leal aos portugueses durante a guerra, exigiu em troca que lhe dessem a Fazenda Sacromonte e o título *liura*²⁹ do Reino de Manumera e major da segunda linha do exército português” (CARDOSO, 2013, p. 33-34). Nesse local Aurora, a avó de Carolina, enraíza-se e dá bases a sua descendência depois de ter seu território e seu corpo invadidos pelo colonizador português. A velha é considerada louca por conservar os antigos hábitos e práticas timorenses, culturais ou espirituais. Em sua casa onde se encontra um baú de memórias familiares e onde a narrativa tem uma reviravolta, no momento histórico em que o país está em fuga, porque a Indonésia está exterminando o pouco que resta de corpos e construções, depois que a maioria da população votou a favor da independência. Mas a avó não abandona nem por um minuto suas crenças, sua língua, suas memórias, seu território e permanece à espera do major, amparada na sua lógica não-ocidental. Embora Aurora também tenha sofrido pela ausência do marido, ela conserva sua presença através da arca de sândalo e do galo, que considera que é o major transfigurado, além de aguardar o regresso ou a notícia da morte de seu esposo para lhe acompanhar na passagem para a vida fora do corpo. Os eventos ocorridos na casa da anciã revelam sua enorme consciência e estratégia política, pois a personagem esconde em sua residência um

²⁸ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): bom vivant.

²⁹ Essa palavra não está no glossário, mas seu significado é explicado na narrativa que são senhores que foram requisitados para representar as autoridades tradicionais timorenses (CARDOSO, 2013, p. 25).

importante rebelde timorense – o ex-marido de Isadora, que tem uma relação próxima com Julieta. Assim, com consciência e resistência o espírito da avó de Carolina não abandona o corpo, que está há uma semana sem respirar, sem comer e nem beber, a espera de notícias do marido. Carolina providencia um mensageiro para auxiliar no processo do espiritual da moribunda, que espanta a neta ao sorrir. Demétrio não sabe tétum, então fala em português pois a avó entende, embora não fale a língua dos europeus: “[...] o major, depois corrigiu dizendo coronel, promovido por serviços relevantes à Pátria, não podia regressar por não se encontrar de boa saúde. [...] Tinha perdido a memória. E, quando se perdia a memória, também se perdia o caminho de regresso” (CARDOSO, 2013, p. 237). Finalmente, após um sopro que saiu dos lábios da velha Aurora, o espírito abandonou o corpo.

– Lembro-me bem do outro *Malae bo'ot*³⁰
 – De quem, avó?
 – Do outro

que andava a tirar o retrato a toda a gente. Pretendia realizar uma exposição em Portugal sobre povos do Timor. Algumas moças tiveram que baixar as lipas que lhe cobriam os seios. Para mostrar como viviam nas suas aldeias. Embora andassem cobertas havia muito. [...] Nessa época o major ainda era um jovem tenente e sonhava em ser coronel de segunda linha do exército português. Uma ambição desmedida que lhe tirou alguma sensatez. Fazia tudo o que os *malaes*³¹ lhe pediam desde que lhe prometessem que seria coronel. (CARDOSO, 2013, p. 31)

[...] Falando de loucura

– O que é feito de tua mãe, Julieta?
 – Não acho que esteja louca

um caso de pura crença e não de insanidade como muitos pretendiam que fosse. A própria anciã até achava graça que a considerassem uma desmiolada. Podia dizer o que bem lhe apetecesse

– Cala-te, louca

diziam os *bapaks*³² quando a ouviram falar do marido.

Tinha a esperança de que major havia de regressar encoberto por outra pele (CARDOSO, 2013, p. 90)

[...] Dizem-me que meu noivo está lá fora à espera. [...] Penteiam-me o cabelo, salpicam-no com brilhantina barata [...]. Põem brincos nas minhas orelhas [...] Pedem-me que vá lá para fora. [...] Ao atravessar a porta vejo olhos. Assusto-me e tento voltar. Não me deixam. [...] Quem está lá fora é o meu noivo. Está à minha espera. [...]

[...] Ele já está um homem. Muito cedo está crescido. Arranjam-lhe uma noiva muito cedo. Ele tem pressa. Sonha que um dia será coronel. [...] Ela ainda quer ser criança. Não tem pressa nenhuma. Ignora que já lhe tenham arranjado noivo. [...] Mesmo que lhe tenham dito que tem noivo. Estou no meio de gente que me olha. Não olham pra mim. Olham para o meu corpo. Está à mostra. Está disponível para quem queira ver. [...] Tenho um noivo.

³⁰ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): estrangeiro-grande (governador).

³¹ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): estrangeiro (português).

³² Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): indonésio.

Está de tronco nu e todavia ninguém olha para ele. O meu noivo não me vê. Finge que não me vê. [...] (CARDOSO, 2013, p. 134-135)

– Não, não podes morrer, avó
com medo de que a velha Aurora se esticasse toda ao comprido depois de a ter surpreendido com a fotografia na mão. Não gostaria que pessoa alguma a tomasse como sendo uma oferecida
– Sou uma oferecida?
pergunto à minha irmã gémea, que parece alheada de tudo quanto se passa à sua volta. Responde-me a matar
– Tu?! Não. Vais com as outras. (CARDOSO, 2013, p. 137)

[...] Foi então que a avó Aurora se lembrou de lhe dar guarida em Manumera. Na casa do Amadeu ou na, do velho major. Ninguém iria duvidar de que o empresário, sendo um grande apoiante dos *bakaps*, iria albergar um GPK³³. Ou na casa de uma velha demente, cujo marido foi morto pelo próprio clandestino. (CARDOSO, 2013, p. 208)

Essas três personagens femininas experienciam em seus corpos violências físicas e morais, como seu território – o Timor-Leste. Aurora é “invadida” aos treze anos de idade e perde seu “colonizador”, que lhe deixa de herança um espólio de guerra – a fazenda Monforte – que passa a ser sua casa, sua terra. Julieta é “ocupada” por quem jura que não a abandonará, por desejar apossar-se dos bens familiares que dão suporte para seus interesses comerciais (negócios internacionais). Isadora é mais atravessada por culturas outras e escolhe Raio de Luz – o clandestino – sentindo-se privilegiada, diante de seu contexto histórico-social, mas, inesperadamente, também é abandonada por seu “protetor”, ficando exposta à devastação, ao aniquilamento, à dilaceração e ao esfacelamento do corpo e do espírito. Elas resistiram de formas diferentes, contando com o acolhimento de uma comunidade feminina, fomentada por saberes ancestrais e através da alteridade expandiram suas consciências, reconhecendo-se, sentindo-se pertencentes a um lugar e ressignificando suas vivências.

[...] descolonizar nossas mentes, retomar a palavra que é nossa história. Conforme nos foi contada por nossos ancestrais, não como foi interpretada pelo colonizador, é um gesto de resistência ao modo como a cultura dominante pensa a história, a identidade e a comunidade. (HOOKS, 2019, p. 325)

Para concluir as reflexões desta seção, é interessante sinalizar que nas trajetórias de mulheres se faz presente outra lógica sobre o saber e outro sentido para

³³ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): rebelde.

as palavras casa e território – o lugar de ver o mundo. A obra tem como cenário principal a fazenda Monforte e suas três casas e revela uma cultura onde o conhecimento é compartilhado pela transmissão oral e coletiva e a partir dos corpos das personagens. Esses modos relacionais dialogam com fundamentos que foram observados pelo linguista José Quintero Weir a partir da cosmovisão resultante das associações entre cada povo e cada território indígena na Venezuela.

[...] a casa e todo o espaço familiar resulta ser a materialização da imagem da sua cosmovisão com a qual orienta todo processo de organização social baseado nos princípios de pertencimento e complementariedade [...] ela contém o lugar onde se expressam as relações sociais e de poder, tanto no interior da família como da comunidade como um todo. [...] (WEIR, 2018, p. 41)

[...] são povos cujo saber reside na memória corporal do seu fazer cotidiano, que registram como palavra [...], pois, por essa via, pode ser contada e recordada por todos como saber coletivo, por tanto, os saberes da comunidade sempre tem de ser expressados por meio de uma palavra que sai do seu coração, já que seu destino é o coração do outro [...]. (WEIR, 2018, p. 56)

6.3 “CIRCUM-NAVEGAÇÕES” – PERCURSOS DE CAROLINA E PIGAFETTA

Antes de entrar no foco dessa seção é relevante voltar a atenção para o capítulo 3 – O Petromax – que está carregado de informações sobre pontos significativos da narrativa. Nesse capítulo são reveladas as histórias de Sakunar e a de Pigafetta, assim como, se desenrola o envolvimento entre as duas personagens. Também nesse tópico é sinalizada a responsabilidade de Julieta de guardar e acender o petromax, ou seja, de iluminar. Essa personagem, que é comparada com uma coruja vigilante (visão noturna), tem consciência sobre muitos fatos passados – esclarece diversas dúvidas de Carolina (colaborando em seus aprendizados) e conforta Isadora – com isso, ao dar suporte a outras mulheres, reacende a sua própria “chama” esquecida. O capítulo é finalizado com um diálogo entre o par de sandálias sobre o extenso nome do livro, parecendo apontar para a história do país, repleta de corpos femininos “apagados” (por imensos sofrimentos) durante o longo processo de colonização e independência, assim como para as trajetórias circulares (de resistência e de consciência) de Pigafetta e de Carolina – onde o fim encontra-se com o início.

[...] exceto uma coruja que lá fora continuava vigilante e cantava
– *Tout ou! Tou tou! Tout ou!*

e continuaria a cantar pela noite dentro se não fosse alguém mandá-la calar, como aconteceu logo de seguida. E isso fez com que Julieta tivesse ficado mais atenta e redobrado as atenções.

Quem seria a pessoa que teria mandado calar a coruja uma vez que Amadeu estava em Jacarta [...] (CARDOSO, 2013, p. 43)

Acusou a mãe de ter sido a responsável pela morte do *Rafa*. [...] Julieta desfez-se em desculpas com a filha. Que sabia perfeitamente o que estava a fazer. Entre a morte dos membros da sua família e a do *Rafa* optou por sacrificar o cão.

Quem mandara calar a coruja só podia ser alguém que tivesse vindo com a tia Isadora. Julieta fixou os olhos na visitante à espera de uma explicação (CARDOSO, 2013, p. 44-45)

– O petromax?

não se lembrava bem onde havia guardado o candeeiro depois da sua última utilização. Aliás, quem fazia uso do petromax era o clandestino durante as breves estadas para escrever o livro que pretendia enviar para a sua amiga americana. [...]

[...]

– Podes acender o petromax, Julieta?

que parecia não saber o local exato onde teria guardado o candeeiro. [...] Lembrava-se de que mesmo depois de a habitação ter instalação elétrica continuaram a utilizar o petromax, que dava uma luz irradiante. [...] (CARDOSO, 2013, p. 45-46)

– Um livro

acho bem que escreva um romance depois de a ter ouvido relatar com primor a fantástica aventura do sacristão Pigafetta. Antecipo desde já um título: O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação

– Nunca mais acaba

ironiza a minha irmã com o seu ar de enfasiada. Sorriu com isso. Digo que é longo o título. Como foi longa a viagem de circum-navegação. (CARDOSO, 2013, p. 65-66)

Carolina e Pigafetta são os principais representantes, na obra, de estórias entrelaçadas, de sujeitos mesclados que se definem pela possibilidade de coexistir das diferenças, na busca por caminhos oblíquos para administrar seus conflitos. Então, nessa seção será conduzida uma discussão sobre os diferentes percursos de resistência e subversão da lógica ocidental, através das “circum-navegações” dessas personagens, influenciadas pelas sandálias. As trajetórias das personagens imbricam-se, e Carolina, que está mais empoderada a partir da escuta das narrativas, que tanto fortalecem laços afetivos familiares como recuperam e valorizam os saberes locais e as formas políticas de atuar coletivamente, apoia Pigafetta na reconstrução do seu passado e na criação do seu futuro, a partir da identificação com o colonizador opressor – “Abraçar uns aos outros apesar das diferenças, além do conflito, em meio à mudança, é um ato de resistência” (HOOKS, 2019, p. 5). As sandálias participam

da jornada de autoconhecimento de Carolina, que ressignifica o passado, percebe diferentes formas de relacionar-se com o presente e lança olhares para o futuro que subvertem o olhar racializado imposto pelo Outro, nesse caso, pelo Ocidental (HOOKS, 2019).

[...] Com medo da alma dos mortos dos antepassados que não se renderam quando as forças do tenente Arbiru os cercaram, condenando-os a uma morte lenta por falta de água e de comida

– Proeza?!

Como se quisesse fazer-lhes saber que a morte digna é igual a outra morte qualquer. Deviam render-se também. Como fizeram outros guerrilheiros. Alguns refizeram as suas vidas. Outros aliaram-se aos indonésios

– Proeza

digo eu para a minha irmã gémea, foi a ousadia da Carolina por se ter ausentado de casa sem dar conhecimento aos pais. Depois de ter ouvido a conversa entre a sua mãe e a tia Isadora

– Proeza?

pergunta a minha parceira. Não achava que uma fuga pudesse ser comparada a uma proeza. Quando muito a uma traição. Não devia fazer aquilo aos pais, que sempre a trataram com carinho. (CARDOSO, 2013, p. 155-156)

Carolina preparou-se também para essa viagem. A primeira das outras que irá fazer ao longo da sua vida. Não dormiu durante a noite. [...] De tempos em tempos, espreitava para baixo da cama para ver se via o tal galo que, segundo a avó Aurora, era a reencarnação do major Monforte. Andava disfarçado para se esconder dos *bapaks*. [...] E de noite tantos são os vultos que pairam na cabeça das crianças. Bruxas, fantasmas, pontianas

– *Pero que las hay, las hay*

assim repetia o seu pai Amadeu dos Santos quando algo não ocorria de acordo com as suas expectativas.

Carolina tinha decidido não informar sua mãe do que pretendia fazer. Acordou bem cedo. [...] Retirou-nos do armário e colocou-nos os seus pés. Não reclamou dos tamanhos... Das duas, uma. Ou fomos nós que nos encolhemos ou foi ela que se esticou. Calculo que tenha sido esta última hipótese. Aliás, cresceu muito nos últimos tempos. Quando viu o sacristão Pigafetta dirigir-se ao local das microletes, acompanhou-o disfarçando-se de rapaz. (CARDOSO, 2013, p. 158)

Após a “jornada” pelas memórias das mulheres de seu território, Carolina é obrigada a fugir para o outro lado da ilha e, quando retorna para o Timor-Leste, parece estar reconstituída de si mesma, olhando para sua história e cultura de forma diferente, perpassada também pela relação com culturas internacionais, que vivenciou durante o período em que esteve no campo de refugiados e em que trabalhou no restaurante do senhor Aguarrás (O Retornado), um português que se passava por angolano – “O restaurante tinha como clientela os internacionais, militares e civis e também os nacionais [...]. A hipótese de trabalhar num sítio onde pudesse conhecer gente nova fê-la aceitar o desafio. [...] Carolina se interessava por tudo o que a

rodeava” (CARDOSO, 2013, p. 223). Apesar disso, o futuro de Carolina está nutrido pela cultura ancestral representada pela avó Aurora, geradora do vínculo de pertencimento da neta ao seu território, assinalando a importância da memória na compreensão do passado para construção de um recomeço no seu país. Quando a jovem encontra as antigas fotos da avó, se identifica e se reconhece como mulher timorense, através da pele, do cabelo, dos lábios, dos seios: “Carolina parecia não querer largar a fotografia. Como se quisesse entrar dentro dela. Fazer parte dela. Para entender o que aquela moça sentia naquele momento. Tudo o que anotou com seu olhar foi como se tivesse visto no espelho. [...]” (CARDOSO, 2013, p. 128-129). Também a forma de se relacionar com a casa, os objetos e o modo de ocupar o espaço constituem o que Weir (2018) explicou como sendo pertencimento tanto pessoal e familiar como relacionado a grupos sociais de poder, entre eles o poder patriarcal. Inclusive, na última página do livro, as sandálias fazem uma espécie de conclusão da influência da avó sobre a neta, questionando a condição de loucura: Carolina não se importaria de ser considerada louca como a avó – “Ao olharmos e nos vemos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro” (HOOKS, 2019, p. 240). A jovem mostra-se em sintonia com os corpos femininos da sua cultura, bem como, em conexão com sua terra, sentindo feliz em poder carregar suas sandálias na mão e andar descalça, quando vai até a casa da avó, que lhe convida para sentar no seu colo – “Amadeu tinha posses para lhe comprar os sapatos que quisesse. [...] Mas andar descalça dava-lhe uma ideia de liberdade. Os pés assentes no chão. Molhá-los com a humidade das madrugadas ou sentir o rasgar da pele quando o sol está nas alturas” (CARDOSO, 2013, p. 125). Assim, Carolina percebe-se acolhida e consciente para subverter ordens sociais e poderes impostos pelo outro – “homem branco” –, cortando o cabelo e fazendo uma promessa de que só o deixaria crescer novamente quando o pai deixasse de bater na mãe.

A Julieta não restava outra alternativa senão explicar tudo. [...] Contou quem era tia Isadora e quem era o homem com quem vivia e por que razão. E quem era o sacristão Pigafetta. Disse que às vezes as mulheres precisam de falar umas com as outras. Quando os homens estão ausentes. [...] As mais velhas mascam. [...]

– O que é pecado, mãe?

– É quando fazem mal umas às outras

o que a tia Isadora e o sacristão António Pigafetta passavam em casa, nas mãos de António Sakunar

– Isso é pecado

o que aconteceu com aqueles que foram levados para as montanhas como prisioneiros e nunca mais se soube dos seus paradeiros

– Isso é pecado

[...]

A mãe teve de lhe explicar que na noite anterior a tia Isadora chegou num estado deplorável e precisava se curar. Tinha enormes manchas na pele. Em todo o corpo. Ferida no orgulho próprio. As manchas eram provocadas pelo homem com quem vivia. Também magoada por dentro, ressentida por ter sido abandonada pelo marido que se foi embora para *ai-laran*³⁴. [...] (CARDOSO, 2013, p. 117-119)

Carolina encontrou uma arca encostada a um canto do quarto. [...] Era a tal arca de sândalo onde a avó Aurora guardava objetos de valor, alguns dos quais foram retirados pela filha

– Ainda te levam a cabeça

expondo-se em demasia aos *bapaks* com dentes de ouro. Um sério aviso que fez a velha sorrir desalmadamente

– Ninguém faz isso a uma louca

[...] Encontrou muitas fotografias. [...] No meio destas, os dedos encailharam numa pequena fotografia que os anos tornaram amarela, com o papel encarquilhado. Ficou um tempo a olhar para o retrato com um brilho nos olhos. Parecia ter descoberto as pessoas que lá estavam. Estava eufórica com o que viu

– Que se passa?

pergunta a minha irmã gémea com alguma inquietude quando sente que Carolina está sobressalta com o achado

– É o coração aos pulos

sossego-a enquanto observo os gestos da Carolina, que de facto parecia ter feito uma grande descoberta

– Achei (CARDOSO, 2013, p. 126-127)

Pigafetta disse um dia que os que fizeram a circum-navegação e que tiveram a sorte de voltar a Europa já não eram os mesmos que partiram. [...]

Carolina esperava regressar. Só não sabia quando. Se regressasse, como seria recebida? Por ter fugido para o outro lado da fronteira. [...] O futuro logo se verá. Esperava reencontrar a avó Aurora, que provavelmente continuaria sentada na cadeira de *rotang*³⁵, ainda à espera do velho major que foi para *tasi-balu*. (CARDOSO, 2013, p. 210)

Carolina, embora tivesse feito a promessa à mãe de que deixaria crescer o cabelo, não o fez. Correndo o risco, como a minha irmã gémea havia anunciado, de ser conhecida como Carolina, a louca

– Louca?!

também diziam o mesmo da avó Aurora e nem por isso deixou de acreditar nas suas crenças. Sem a mínima cedência. (CARDOSO, 2013, p. 246)

Carolina parece representar a construção de um futuro para seu país e para a cultura do seu povo, descobrindo-se, posicionando seu olhar sobre si e o outro, reconhecendo-se através das histórias de todas as personagens – “Apenas mudando

³⁴ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): mato, santuário da guerrilha.

³⁵ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): *calamus sp* (palmeira).

coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos.” (HOOKS, 2019, p. 39). A menina conta com uma rede de apoio feminina e familiar e “cresce” (absorve experiências de vida e conhecimentos) com as narrativas da avó e da mãe sobre seus corpos e as violências sofridas na colonização e intensificadas com a invasão da Indonésia – mulheres e crianças sequestradas, abandonadas, trocadas e negociadas como propriedades e territórios:

Por el efecto del paradigma del biopoder, la red de los cuerpos pasa a ser el territorio [...]. El territorio, en otras palabras, está dado por los cuerpos. [...] la jurisdicción es el propio cuerpo, sobre el cuerpo y en el cuerpo, que debe ahora ser el bastidor en que se exhiben las marcas de la pertenencia. (SEGATO, 2014, p. 33)

No retorno ao seu território, Carolina é reconhecida pelas sandálias. A ideia que parece destacar-se aqui é de que as sandálias, que estão entre os pés de Carolina e o solo, promovem a cosmovisão da personagem (seu pensar e perceber o mundo a partir das relações com a terra, com as memórias dos timorenses, com seu “corpo-território” feminino). O saber feminino familiar e ancestral conecta e enraíza Carolina ao seu território mítico (a avó curandeira, o avô-galo, os espíritos da floresta que auxiliavam os guerrilheiros, a Pontiana etc): “Nós afirmamos os laços do passado, os vínculos do presente, quando reaprendemos nossa história [...]” (HOOKS, 2019, p. 341). Dessa forma, Carolina incorpora as informações, indagações e conclusões das sandálias, num processo de consciência e resistência, subvertendo a lógica ocidental e o olhar opressor masculino a ponto de raspar o cabelo numa estratégia de libertar seu corpo do poder patriarcal e, de volta ao seu país-território, comemorar a independência. Assim, esse andar-existindo de Carolina, ou seja, esse conscientizar-se, reconhecer-se como sujeito que pertence a uma comunidade que está inserida num contexto mundial, dialoga com o sentir e pensar do povo wayuu (indígenas da bacia do Lago de Maracaibo – Venezuela), que afirma: “a necessidade de manter no fazer da sua territorialidade o espírito do grupo como um mesmo coração, o que só pode ser expressado por meio de um caminhar em complementaridade com o caminhar do mundo” (WEIR, 2018, p. 55).

- Um dia rapo os cabelos
- Filha, não. Vão dizer que és louca

ao mesmo tempo que lhe acariciava os cabelos com a mão. Carolina tinha os cabelos pretos, sedosos e escorridos. Cortá-los seria um desperdício. Rapá-los seria um feito heroico. [...] (CARDOSO, 2013, p. 123)

– Basta

disse Carolina, retirando-se para seu quarto.

Assistir a uma triste cena como esta foi pior que lhe podia ter acontecido. [...] Muitos maridos se socorriam da violência. Para mostrar aos vizinhos quem era o galo de luta. Aquele que mandava em casa. Com os seus pais era diferente. Sempre mostraram afeto um pelo outro. [...]

– Vou-me embora

disse Carolina entre soluços. Mas para onde?

Não tinha para onde ir. Lembrou-se de que havia sempre Manumera para onde regressar. A avó Aurora para a receber.

As Nações Unidas estavam a tratar do regresso dos refugiados. [...]

Carolina estava decidida a rapar o cabelo. Dessa forma seria confundida com um rapaz. Ninguém lhe oporia perante factos. [...]

– Basta

gritou Carolina, puxando os cabelos com raiva.

Retirou a tesoura da caixa de costura da mãe. Pela última vez, mirou-se ao espelho ainda com o cabelo comprido. Tinha um cabelo preto, sedoso e bonito. [...] (CARDOSO, 2013, p. 218-219)

– Como me reconheceu?!

[...]

– As sandálias, Carolina, as sandálias

[...]

– Que vergonha!

ao dar conta que fomos nós que a denunciámos. Apesar de estar disfarçada esqueceu-se de nós. Alguém podia lembrar-se de que já tinha visto aquelas sandálias nos pés de uma menina

– Bem feito!

disse a minha irmã, que não se sentia culpada de nada. Devia ter arranjado outra estratégia. Mudar de sexo foi uma opção errada. (CARDOSO, 2013, p. 220)

– O que fizeste com teu cabelo, filha?

[...]

– Volta a crescer, mãe

na esperança de que o regresso os fizesse pensar que o importante era o que iriam fazer daí pra frente. Talvez começar tudo de novo dado que a casa que lhes pertencia também foi ocupada. [...]

Tencionava ficar na casa da Avó Aurora. (CARDOSO, 2013, p. 238-239)

Na noite da celebração da independência, Carolina junta-se aos que estão em Tasi-tolu. [...] Pensa em todas as mulheres que ficaram entregues a si próprias quando os maridos partiram para as montanhas ou foram para o mar.

Finda a cerimónia, dirige-se à praia e em vez de dançar o *tebe*³⁶ opta por ouvir de novo a canção de Sinéad. (CARDOSO, 2013, p. 246)

³⁶ Conforme um curso online e gratuito sobre o Timor-Leste: Uma das danças de grupos mais populares de Timor Leste é o *tebe-dahur*. Como sinal de confraternização e ritual é dançada com a participação de jovens e velhos, homens e mulheres em todo o país. Em forma de círculo e de mãos dadas dançam e cantam, assinalando um momento especial na vida da comunidade. Disponível em: <https://www.elearning.citaliarestauro.pt/course/search.php?search=TIMOR>. Acesso em: 26 out. 2020.

Pigafetta é personagem destacada desde o título da obra que retrata fortemente as contradições culturais e conflitos de identidade herdados da colonização. Esse timorense albino sofre diretamente em seu corpo as violências, as perdas, as marcas da história do país.

[...] La violación y la tortura sexual de mujeres y, en algunos casos, de niños y jóvenes, son crímenes de guerra en el contexto de las nuevas formas de la conflictividad [...], ya que son formas de la violencia inherente e indisoluble de la dimensión represiva del Estado contra los disidentes y contra los excluidos pobres y no-blancos [...] (SEGATO, 2014, p. 24)

O sacristão parece estar em total ruptura com as memórias de seus ancestrais timorenses, sendo uma personagem que se reconhece a partir das perdas e violências vivenciadas. Por conta dessa repressão, busca sua identidade em um antepassado europeu, renegando seu território. Além de toda a violência sofrida no orfanato, Pigafetta é preso injustamente e, por ter um relacionamento sexual com o seu algoz (o secretário Sakunar) e por ser testemunha das barbáries da guerra civil, é mutilado na boca, lhe é cortada a língua, o que assinala também uma desconexão com o idioma local, que o conectaria com as suas origens e seu território – “Não tinha confiança no sacristão. Falava demais. Podia revelar factos de que apenas as montanhas foram testemunhas [...] Aceitava a sua companhia mas tinha de lhe cortar a língua. Viu coisas de mais e isso era muito perigoso” (CARDOSO, 2013, p. 65). Outra questão interessante vem à tona quando a personagem está à procura de seus familiares, mas vai atrás apenas do pai e dos irmãos e não da mãe, que, na tradição timorense, seria quem realmente poderia lhe restituir o passado perdido, pois as mulheres são as guardiãs das memórias e da cultura ancestral – “Pigafetta não tinha memória alguma dessa vila. Saíra ainda era criança. Nunca mais lá voltou. Tencionava saber do paradeiro de seu pai e dos seus seis irmãos” (CARDOSO, 2013, p. 160). Por outro lado, o sacristão reaproxima-se da cultura de seu país para harmonizar-se com sua orientação sexual, dizendo que age de acordo com sua natureza, como era natural nas famílias tradicionais: “Sempre houve *mane-feto*³⁷ nas famílias tradicionais, *lia-nains*³⁸ e mestres de cerimónias que desempenhavam funções de mordomos nas cortes dos liurais. Também guardiães das casas sagradas

³⁷ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): homem-mulher (homossexual).

³⁸ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): dono da palavra.

e de espólios de antepassados” (CARDOSO, 2013, p. 171). Novamente, nesse trecho do texto, são destacados os tópicos da língua/fala (através da palavra em tétum, *lianain*, que significa dono da palavra) e da função feminina de preservar as tradições. Assim, seu caminhar-existindo (com o coração e a cosmovisão própria) está atravancado por questões, dúvidas, conflitos – ser timorense ou português, ser homem ou mulher: “[...] reconstruir uma arqueologia de memórias faz o regresso possível, a jornada para um lugar que nunca podemos chamar de lar mesmo que o reabitemos para dar sentido às locações presentes.” (HOOKS, 2019, p. 307). Entretanto, Pigafetta conta com suporte de Carolina na sua marcha de resistência e, assim, mesmo sem a língua, comunica-se e relaciona-se com outras personagens, reconstruindo sua história, reconectando-se com seu território mítico e reconhecendo-se no entremeio de suas experiências híbridas – “Ela poderia falar por ele. Nunca se sabe as dificuldades que pode encontrar um mundo. E, não podendo falar, para mais tendo esse ar, essa cor de pele, essa roupa” (CARDOSO, 2013, p.159). Na procura por seus antepassados, Pigafetta e Carolina, encontram um túmulo que legitima a história da ascendência europeia do sacristão, como se fosse um documento familiar, que é o que ele necessita para validar sua identidade, pertencer à outra realidade, que desvaloriza a oralidade e a memória. Além desse “documento” possivelmente ter sido criado pelo clandestino para confirmar a história oral timorense relativa ao escritor Pigafetta, no final, mesmo sem documento nenhum, o sacristão consegue sua viagem para Portugal, prevalecendo as crenças tradicionais do país sobre a versão europeia documentada no livro publicado pelo italiano.

[...] foi preso e levado para as montanhas sem que tivesse participado em nenhum ato de violência. [...] Os ensaios de insulto e porrada, as doenças, as intempéries e a fome aceleraram a sua degradação física. Estava vencido pelo cansaço. Tornara-se um peso morto. O secretário notou isso

– *Lao neneik*³⁹

um convite que era o passaporte para eternidade.

[...] Não tinha hipótese de se escapar ao fim trágico que o esperava. Teceu cenários horríveis sobre a forma como o secretário Sakunar torturava os prisioneiros até à morte. [...] (CARDOSO, 2013, p. 51-52)

– Ah, é o secretário

que lhe dava banho e lhe lavava as feridas. Massajava-lhe o corpo todo. Espalhou pela sua cabeça óleo de coco e penteou-lhe o cabelo. [...] Quando viu que os lábios do sacristão estavam rubros, mostrou-lhe um espelho.

Pigafetta esboçou um estranho sorriso. Como se tivesse reconhecido alguém que o fazia lembrar o passado

– Esta sou eu?

³⁹ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): andar devagar.

– És uma diva
 (– Eu sou a diva) (CARDOSO, 2013, p. 53)

– Abra os olhos, bailarina...
 quer que eu abra os olhos para me ver como que ao espelho. [...] Sakunar ergue-se, corre o fecho das calças. Mete a mão na braguilha e traz o pênis pra fora. Exibe-o como uma lâmina. Agarra Pigafetta pela cintura, levanta-lhe a saia e penetra-o com violência. Mostra no rosto uma máscara de dor e de prazer. (CARDOSO, 2013, p. 105-106)

[...] Para sua surpresa, leu a inscrição por cima da laje. Dizia *Aqui Jaz António Pigafetta*. Apenas o nome. Não havia nenhuma outra referência, como a data de nascimento e da morte para se saber com exatidão a época em que viveu. O sacristão quase desmaiou. Como se verdadeiramente acreditasse no que lá viu escrito. [...]

– Quem é esse?

perguntou Carolina ao ver o sacristão desfalecido.

[...]

– O meu antepassado

disse Carolina lendo as palavras nos lábios do sacristão. (CARDOSO, 2013, p. 165)

Devido à miséria familiar e à cor da sua pele, Pigafetta é abandonado pelos pais em um orfanato; processo equivalente ocorre com seu território-país, que foi deixado à mercê dos invasores indonésios, totalmente desamparado por Portugal – “Despiram-no e enquanto alguns o agarravam pelas pernas e pelas mãos, Malisera enfiava-lhe o clistel pelo ânus [...]. Amaldiçoou os seus pais quando tiveram essa fantasiosa ideia de que sendo filho de *malae*⁴⁰ teria um futuro promissor” (CARDOSO, 2013, p. 143). E a sua alternativa de resistência (sobrevivência) é identificar-se com os europeus e tornar-se sacristão, sujeitando-se ao olhar racializado imposto pelo branco ocidental – “Padre Albino prometeu-lhes arranjar uma solução. Havia de encontrar um enredo de acordo com as exigências da sua pele. [...] Um livro chamado *Relazione del primo viaggio in torno al mondo*. O autor, um italiano chamado António Pigafetta” (CARDOSO, 2013, p. 57-58). Apesar disso, no final de seu trajeto de “retorno” a Portugal, a personagem subverte a História Universal sobre a viagem de Fernão de Magalhães – realizada de 1519 a 1522 – e rompe com o pacto da masculinidade, apresentando-se como uma “mulher” que pretende completar a circum-navegação de seu antepassado e recontar a história que teria sido contada por um falso Pigafetta. Porque o verdadeiro cronista italiano, segundo relatos locais, teria ficado no Timor-Leste, que o conquistou pelas terras repletas de sândalos e acesso às minas de ouro. Através dessa inversão da verdade eurocêntrica, Pigafetta

⁴⁰ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): estrangeiro (português).

parece estar num processo de descolonização, reconectando e recontando as memórias de sua cultura oral, reconhecendo que os ancestrais podem falar de um lugar além da história escrita (HOOKS, 2019). Carolina incentiva o sacristão nessa subversão da história e fortalece a escolha de Pigafetta de ressignificar a sua história pessoal, cicatrizando seu corpo e criando novas experiências em outras terras: “[...] Carolina achava que era altura de Pigafetta também ir pedir uma viagem [...] Recomendou-lhe que [...] deveria anunciar que pretendia completar a viagem de circum-navegação que o seu antepassado não concluiu” (CARDOSO, 2013, p. 239).

Quando os pais souberam que o padre Albino se encontrava de visita ao colégio de Maliana, foram ter com ele. Queriam que o filho estudasse. Que fosse alguém no futuro. Talvez padre. Eram muitos irmãos. Tinha certeza que a escolha foi por causa da sua pele. Que para uns era sinal do divino e para outros a reencarnação do Diabo. Os pais balouçavam entre essas duas hipóteses. [...] O que em certa medida o fez sentir certa repugnância pela sua própria pele. [...] Acharam por bem que fosse para um internato dos órfãos de *malaes*. Tendo a mesma cor de pele, não seria diferenciado. [...] (CARDOSO, 2013, p. 54-55)

Cresceram todos num estado lastimável. Alguns tornaram-se violentos. Impunham um verdadeiro estado de terror no internato. Quem mandava era o Malisera (assim o tratavam por ser rebelde), um rapaz que tinha o corpo todo tatuado com estrelas como se fosse um mapa do firmamento. Pigafetta assustou-se quando lhe ouviu a voz autoritária
 – Tragam-me o bicho
 o nome por que doravante passaria a ser conhecido. Talvez fosse por ser um rapaz sardento. Lembrava um verme. (CARDOSO, 2013, p. 141)

– Quem é António Pigafetta?

[...]

– O cronista italiano

aquele que narrou a primeira viagem de circum-navegação realizada por Fernão de Magalhães. Do que disse o padre Albino, guardou na memória a passagem do navio *Vitória* pelas terras de Balibó. Quando tomaram como reféns o régulo e o seu filho. Foi preciso a intervenção do cronista para que o comandante espanhol os libertasse. Em recompensa pelos seus préstimos, o *liurai* decidiu oferecer-lhe terras repletas de sândalo e acesso às minas de ouro. Aceitou ficar. Fundou um reino. Teve muitos descendentes. [...] (CARDOSO, 2013, p. 147)

Um diário local, em língua portuguesa, editou uma manchete com o título *No ano e que se prepara a independência de Timor-Leste, Pigafetta completou a circum-navegação*. Um regresso após cinco séculos. Não os seus restos mortais. Como seria de esperar. Mas em carne e osso. E, mais abaixo, mostra uma fotografia em que uma mulher de pele branca, vestida com trajes tradicionais, posa para posteridade ao lado de um marinheiro da fragata portuguesa, Demétrio, o angolano de Chelas (CARDOSO, 2013, p. 241)

O capítulo 17, que é o penúltimo, tem como título “A circum-navegação” e sua primeira frase é de Carolina, que retorna e corre para casa da avó: “– Estou de

volta” (CARDOSO, 2013, p. 231). Em contrapartida e completando o sentido do título (de recomeço numa perspectiva circular), o capítulo finaliza com: “– No fim do mundo, irmã. No fim do mundo!” (CARDOSO, 2013, p. 241) – num diálogo entre o par de sandálias sobre Chelas, em Portugal. A ida de Pigafetta para Portugal e o retorno de Carolina para sua terra – suas “circum-navegações” – configuram seus movimentos existenciais de regresso para completar um ciclo e assim recomeçar, experienciando novas relações consigo e com o outro, através de seus corpos-territórios, pensando com o coração, recriando possibilidades e vislumbrando o futuro. E nos seus movimentos pessoais as personagens estão alinhadas com a história de seu país, que retoma sua liberdade depois de mais de cinco séculos, regressando às suas origens, todavia mesclados por outros horizontes.

6.4 ACORDARES EM SONHOS: O FINAL OU UM RECOMEÇO

O último capítulo do livro – Mitos – não é numerado, diferente dos anteriores, o que transmite uma ideia de síntese, de conclusão ou talvez de um ponto de encontro, de conciliação entre partidas e chegadas desse círculo de histórias. E esse território do mito que também apresenta a história real do Timor-Leste, trata de mulheres, de sonhos, de destinos e de estrelas. Relata a história de um país que sonha, de mulheres que suportam suas desventuras, de um povo que cria seu futuro, olhando desde e para o mar, o céu, a sua terra. Obviamente, esse capítulo é totalmente narrado pelas sandálias, que ocupam esse lugar do mito e parecem criar realidades a partir de sonhos, possibilitando a materialização de outros mundos e outras verdades, conduzindo a mudança através de um giro-decolonial.

Numa outra direção, foi a aventura levada a efeito por um punhado de homens que um dia foram para as montanhas. Apesar de tudo que aconteceu pelo meio, dramas, tragédias e mortes, conseguiram chegar ao destino. [...] Como aconteceu com os companheiros de Fernão de Magalhães. [...] Muitos ficaram pelo caminho, outros abandonaram a viagem, uns tantos traíram por desespero e por ambição e uns poucos realizaram o sonho das vidas
 – Isso não modifica o teu destino
 Diz a minha irmã gémea quando se apercebe da minha indiferença com o que pudesse vir a acontecer conosco.
 – O meu destino?
 suportar o peso de quem me calça. Também os desvarios, desgostos e desenganos. [...]

– Somos as *biberes*⁴¹

Diziam a Adelino Gomes, jornalista da televisão portuguesa, mulheres desdentadas e de lábios gretados e vermelhos por causa da masca, quando lhes perguntou o que esperavam do futuro

– *Biberes?!*

a minha irmã gémea prefere chamá-las de senhoras do amparo. [...] Depois, cínica, profere

– Provavelmente continuarão *biberes*

como sempre foram. Foi assim antes da entrada dos estrangeiros, quando apenas existiam os reinos, a época dos *malaes*, o tempo dos *bapaks* e serão sempre *biberes* apesar de ser a hora dos *mauberes*⁴². Que nada muda com o tempo, apesar das aparências

– Muda, irmã, muda

basta reparar com atenção nas palavras que acabou de proferir. Sobretudo para quem se manteve sempre calada. Sóbria e cautelosa. Falando de tempo e desse tempo precioso que ainda nos resta (CARDOSO, 2013, p. 244-245)

Sonho é assunto destacado ao longo do livro, mas, a partir de um olhar ocidental, é possível que não seja dado valor a estes trechos. Por outro lado, a partir das Epistemologias do Sul, o lugar do sonho é o de experiências reais, que guiam através de vivências que podem acontecer inclusive com os olhos fechados. É um local habitado pelos saberes ancestrais e que são socialmente compartilhados (ensinados e apreendidos) no decorrer de fazeres em comunidade, de práticas socioculturais como produzir artesanato, tecer, plantar, colher, caçar, respeitar a natureza, dançar, conversar, cantar, contar histórias e praticar rituais.

Muitas pessoas gostariam de fazer isso nas suas vidas. Completar os projetos dos seus entes queridos que por alguma razão abandonaram. Que para Carolina não fazia sentido algum. Cada um tinha a sua época e o seu tempo. Não tinha sonhos para realizar. Nem dela nem de outrem. Apenas queria viver cada momento. O seu tempo. A sua época. Ou talvez contar estrelas. Perder-se no firmamento. O universo no seu esplendor

– Estás a sonhar, minha filha?

– Sonho, mãe, sonho

e a noite estrelada convidava a isso mesmo. De vez em quando reparava numa luz furtiva que cruzava o espaço. (CARDOSO, 2013, p. 211)

Para reforçar essa perspectiva decolonial, de observação do sonho, seguem trechos de literaturas de outras terras do sul, que compartilham esses saberes a partir de sonhos verdadeiros, onde a construção de conhecimento se dá na relação com o outro e com a terra, embebidos por suas memórias, sentindo e pensando o fazer da vida – ou seja, no sentido de que: nós sabemos quando fazemos! Estas diferentes cosmovisões integram humanos, não humanos, natureza e espíritos,

⁴¹ Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): mulheres.

⁴² Conforme glossário do livro (CARDOSO, 2013, p. 251-253): homens.

em territórios onde tudo se relaciona e toda interação gera conhecimentos que são resguardados pelas memórias e compartilhados através de corpos em rituais de culturas ancestrais.

Quando eu era jovem e ainda não era xamã, eu não sabia sonhar. Era ignorante e dormia como uma pedra jogada no chão. Era incapaz de ver as coisas da floresta durante o meu sono. [...] Ainda não tinha em mim o sonho dos espíritos [...]. Não conseguia contemplar as coisas do tempo de nossos ancestrais, nem ver o que eram de fato o trovão, o céu, a lua, o sol, a chuva, a escuridão e a luz. Eu ainda era ignorante. [...] (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 499)

– Sonho verdadeiro. O boto é o símbolo do meu clã [...]. Você descobriu isso sozinho no sonho, porque você está morrendo. Por isso você foi até a casa do meu avô procurar uma alma, procurar uma vida. Vocês brancos não têm alma. Quando morrem, vocês vão para o nada, enquanto a gente vai para casa do nosso avô, a casa do nosso clã. [...] (POZZOBON, 2002, p. 55)

Fiquei muito apaziguado comigo mesmo hoje à tarde, quando mais de uma colega das que falaram aqui trouxeram a referência [...] do sonho não como uma experiência onírica, mas como uma disciplina relacionada à formação, à cosmovisão, à tradição de diferentes povos que têm no sonho um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas. (KRENAK, 2019, p. 52-53)

Então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. (KRENAK, 2019, p. 63)

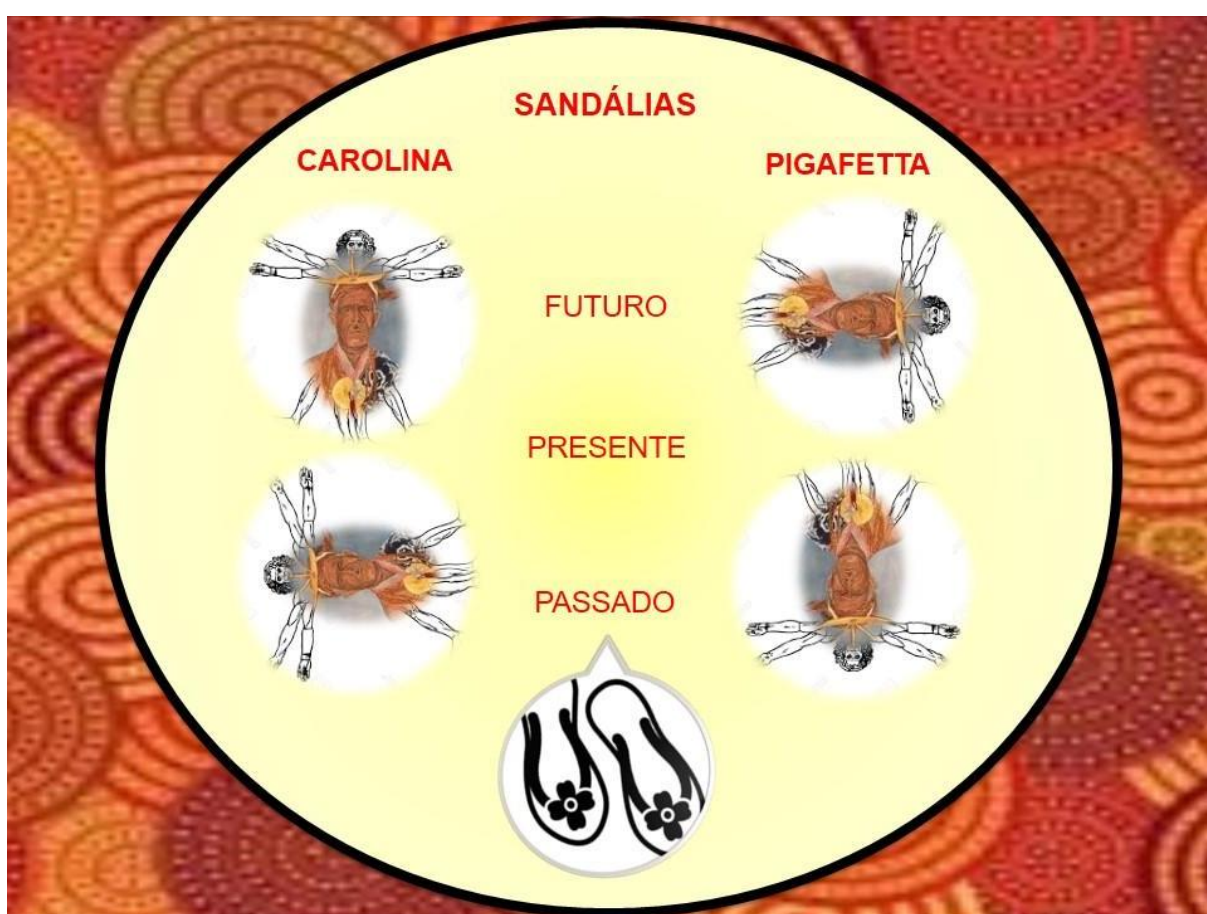
De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. [...] (KRENAK, 2019, p. 65)

Assim, a imagem final do livro, de Carolina comemorando a independência, deitada na areia da praia e procurando a sua estrela Pigafetta, remete a esse saber construído no fazer, dessa potência de criar histórias podendo recomeçar e fazer diferente, sem a necessidade de grandes sonhos para realizar, simplesmente estando em um lugar onde é possível relacionar-se com o brilho de uma estrela e projetar “paraquedas coloridos” para as aventuras do amanhã.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para sintetizar e concluir esse estudo foi desenvolvida uma imagem simbólica do processo de consciência e resistência identificado na obra. Então, foram selecionadas as personagens que se destacam nesse círculo de epistemes de fronteira, que representam diferentes faces que juntas desbravam espaços de coexistência e convivência, construindo o novo e o futuro, a partir de diferentes alternativas de estar no mundo.

Figura 6: Imagem simbólica da análise



Fonte: Autoria própria

O par de sandálias, que materializa uma cosmovisão não ocidental, conecta a jovem Carolina ao território mítico destacando a complementaridade de pares opostos (como razão e emoção, feminino e masculino, céu e terra, tradição e moderno, passado e futuro, fim e começo). Nesse sentido, participa ativamente da reconstrução do passado, dos sonhos para o futuro e de todas as contradições sociais

do presente das personagens. O desenho do homem-vitruviano⁴³ (um símbolo da cultura ocidental, que atravessa todas as personagens da obra) é sobreposto pela imagem de um *liurai*⁴⁴ (autoridades tradicionais timorenses, dos diversos reinos que foram desmembrados pela colonização), representando a presença das diferentes culturas e o pensar com o coração salientados nas vivências de Carolina e Pigafetta. O movimento giratório dessas imagens segue a ideia da trajetória circular das personagens. A leitura da imagem pode ser feita num circular da direita para esquerda ou vice-versa, assim como, de baixo pra cima, do passado para o futuro (num giro-decolonial). Nessa perspectiva, a imagem dialoga também com o símbolo do princípio chinês – *yin e yang*⁴⁵ – de equilíbrio entre energias opostas e complementares, como Pigafetta e Carolina. O primeiro conecta-se com as culturas de cabeça pra baixo com relação ao futuro, desejando, inclusive, a morte em alguns momentos. Nos seus movimentos de contar e recuperar a história da passagem de seu “antepassado” (ocidental) pelo Timor-Leste, estimula Carolina na descoberta de suas próprias origens, mas parece estar ainda no meio do seu processo de migração – “sem terra à vista”. A segunda parece já estar no meio do caminho com relação às culturas e a seu território (de lado), pois tem bases familiares reais, e durante os seus movimentos de ouvir as histórias e de apoiar Pigafetta, servindo de tradutora, amplia sua consciência e ressignifica seu passado, avistando um futuro diferente em seu país.

Através dessa pesquisa foi possível reconhecer um país culturalmente diversificado e rico em saberes ancestrais e, ainda, semelhanças importantes, quanto ao aspecto de saberes espirituais, entre a cultura do Timor-Leste e a de diversos povos originários da América. A possibilidade de ler e reler a obra estudada foi um imenso descobrimento, um encantamento, pois suas histórias convidam o leitor a expandir suas fronteiras de pensamento e suas limitações de visão de mundo. Além disso, a obra conduz por uma caminhada em espiral, circulando e subindo, de modo que a cada leitura absorvemos um pouco mais e subimos mais um degrau em direção às nossas próprias histórias, crenças, origens, numa elevação através do autoconhecimento.

⁴³ Imagem disponível no *blog* Papel com Arte – O Homem Vitruviano e a Fisioterapia: <http://papelcomarte1.blogspot.com/2014/03/o-homem-vitruviano-e-fisioterapia.html>. Publicada em: 12 mar. 2014. Acesso em: 13 abr. 2018.

⁴⁴ Imagem disponível no *blog* A bem da nação – Autoridades tradicionais em Timor: <https://abemdanacao.blogs.sapo.pt/tag/timor>. Publicado em: 01 jun. 2016. Acesso em: 13 abr. 2018.

⁴⁵ Mais informações e imagem disponível em: <https://www.chinalinktrading.com/blog/taoismo-principio-tras-yin-yang/>. Acesso em 25 nov. 2020.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Luís. **O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação**. Lisboa: Sextante Editora, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007.

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra: las luchas territoriales y la dimensión ontológica de las epistemologías del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid, v. 11, n. 1, p. 11-32, enero/abril 2016. Disponível em: <http://www.aibr.org/antropologia/netesp/numeros/1101/110102.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.

FERREIRA, Priscila Oliveira. A literatura de Luís Cardoso e o processo de construção identitária no Timor Leste. **Revista EnsiQlopédia**, Osório, v. 13, n. 1, p. 107-125, out. 2016. Disponível em: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/ensiq/article/view/180>. Acesso em: 20 set. 2020.

FERREIRA, Priscila Oliveira. Que timor é este na obra de Luís Cardoso? **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 41, p. 34-47, dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/24950/15024>. Acesso em: 20 set. 2020.

FORNOS, José Luís Giovanoni. Reflexões sobre a história do timor leste através do romance *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, de Luís Cardoso. **Cadernos Literários**, Rio Grande, v. 22, n. 1, p. 59-66, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/cadliter/article/view/11467>. Acesso em: 01 out. 2020.

HERNÁNDEZ, Delmy Tania Cruz. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femininos. **Solar**, Lima, v. 12, n. 1, p. 35-46, 2016. Disponível em: <http://revistasolar.org/wp-content/uploads/2017/07/3-Una-mirada-muy-otra-a-los-territorios-Cuerpos-femeninos.-Delmy-Tania-Cruz-Hern%C3%A1ndez.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KUSCH, Rodolfo. **El pensamiento indígena y popular en América y la negación del pensamiento popular**. Rosario: Fundación A. Ross, 2012.

LENKERSDORF, Carlos. **Cosmovisiones**. Distrito Federal: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. Angela Lopes Norte. **Cadernos de Letras UFF – Dossiê: Literatura, Língua e Identidade**, nº 34, 2008.

PAULINO, Vicente; QUEIROGA, Mariene de Fátima Cordeiro. A memória da infância e a formação da nação emergente em Luís Cardoso. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 31, p. 269-283, jun. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321987632_A_memoria_da_infancia_e_a_ormacao_da_nacao_emergente_em_Luis_Cardoso. Acesso em: 20 set. 2020.

PEREIRA, Claudiany. Luís Cardoso e a vivência da diáspora: nota sobre a literatura de Timor Leste. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 8, n. 12, p. 37-48. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/56>. Acesso em: 20 set. 2020.

POZZOBON, Jorge. **Vocês, brancos, não têm alma**: histórias de fronteiras. Belém: EDUFPA, MPEG Editoração, 2002.

PRATT, Mary Louise. **Olhos do Império**: relato de viagem e transfiguração. Trad. Jézio Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha. Uma breve história dos estudos decoloniais. **Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP Afterall**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

SEGATO, Rita Laura. **Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres**. Puebla: Pez en el árbol, 2014.

SILVA, Renata Nogueira da. De cultura a patrimônio: *Uma lulik* no Timor-leste pós-colonial e seus efeitos na reprodução social. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)**, Rio de Janeiro: Centro Lucio Costa – CLC, 2017. 1ª Chamada de Pesquisas. Disponível em: http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Produto%205%20aprovado_BR46.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

TAYLOR, Anne Christine; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Um corpo feito de olhares (Amazônia). **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 769 - 818, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165236>. Acesso em: 01 out. 2020.

WEIR, José Ángel Quintero. **Fazer Comunidade**: notas sobre território e territorialidade a partir do sentipensar na bacia do Lago de Maracaibo – Venezuela. Trad. Isabel Pèrez Alves. Porto Alegre: Deriva, 2018.